

RIL



revista literária

13

revista literária do corpo discente da ufmg

**REVISTA LITERÁRIA DO CORPO DISCENTE DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

NOVEMBRO DE 1978 * ANO XIII — NÚMERO 13

Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais

COMISSÃO DA REVISTA

PLÍNIO CARNEIRO

ANA MARIA DE ALMEIDA

RONALD CLAVER CAMARGO



BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



PUBLICAÇÃO Nº 010

IMPrensa UNIVERSITÁRIA

30.000 — BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL

Edição da

REITORIA DA UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS

As ilustrações da Revista Literária do Corpo Discente da UFMG número 13 foram feitas por Paulo de Tarso Corrêa (Paulo Fatal) e Rúbia Roberta R.S. Furtado, da Escola de Belas Artes, e Maria Beatriz de Mattos Almeida, professora do Curso de Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.



ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:

SERVIÇO DE RELAÇÕES UNIVERSITÁRIAS DA UFMG

8º andar do prédio da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG

Rua Carangola, 288 — Sala 807

30.000 — BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL

ÍNDICE

CONCURSO DE CONTOS

Pé-de-Janta — <i>José Liberato Costa Póvoa</i>	9
Os Revisores de Catálogos — <i>Edwaldo Zampier Salles</i>	20
Rua da Palha — <i>Aloyzo de Souza Rocha Filho</i>	24

Trabalhos Escolhidos — Menção Honrosa

Do Lado de Cá da Ponte — <i>José Alexandre Gomes Marino</i>	29
Inácio, Um Santo-Minotauro — <i>Branca Maria de Paula Xavier</i> ...	32
O Engenheiro — <i>Silvia Rubião Resende</i>	35

CONCURSO DE POEMAS

O Fio — <i>Lúcia Castelo Branco</i>	41
Germen En El Silencio de America — <i>Gerson Murilo Avila de Paula</i>	44
Os Operários da Palavra — <i>José Alexandre Gomes Marino</i>	45

Trabalhos Escolhidos — Menção Honrosa

Migalha — <i>Anna Maria Viegas</i>	51
Ver-te Não Te Quero Verde — <i>Napoleão Laureano de Andrade</i> ...	52
Sapato — <i>Miguel Angelo Freitas Ribeiro</i>	55

SEGUNDA SEÇÃO

POEMAS

Composição — <i>Luiz Carlos Alves</i>	61
Ritornelo — <i>Danilo Gomes</i>	63
México de Carlos Fuentes — <i>Danilo Gomes</i>	64
Fauna — <i>Eurípedes Alcântara</i>	66

Poema Incerto Poema — <i>Osias Ribeiro Neves</i>	68
Primeiro Poema Para Isabella — <i>Osias Ribeiro Neves</i>	70
Breves Considerações Sobre a Poesia — <i>Osias Ribeiro Neves</i>	71
O Papagaio — <i>Maria Consuelo Porto Gontijo</i>	73
A Tartaruga — <i>Maria Consuelo Porto Gontijo</i>	74
O Vagalume — <i>Maria Consuelo Porto Gontijo</i>	77
Roteiro Lírico Sentimental Num Quarto de Pensão — <i>Ronald Claver</i>	79

CONTOS

Hipoconóia — <i>Arthur Lopes Filho</i>	91
Arrul — <i>Arthur Lopes Filho</i>	92
A Noite Coaxamos — <i>Duílio Gomes</i>	93
Cerco Fechado — <i>Sandra Lyon</i>	96
Sai Dia, Entra Dia — <i>Eunice Dutra Galery</i>	99
As Três Juremas em Ritmo de Desencanto — <i>Ana Maria de Almeida</i>	103
Problema de Família — <i>Plínio Carneiro</i>	107

ENSAIOS

Sargento Getúlio: Linguagem e Poder — <i>Wander Melo Miranda</i> ...	113
A Vida Representada em "Memórias Póstumas de Brás Cubas" — <i>Ruth Silviano Brandão Lopes</i>	118

RESENHA

Estatística da Revista Literária	130
Relação dos Contos Recebidos	131
Relação dos Poemas Recebidos	132
Publicações Recebidas	140
Críticas à Revista Literária	142

RL

revista literária

**CONCURSO
DE
CONTOS**

PÉ-DE-JANTA

PRÍNCIPE

José Liberato Costa Póvoa
Faculdade de Direito

Puxo pela cabeça, espanando as prateleiras da memória, procurando uma seqüência impossível. Não adianta: já me assusto é com Antonhão e sua gente transando nas ruas do Duro e com amizades com os influentes do lugar, a quem dera os filhos por afilhados.

Suponho, até, que Antonhão já nascera grande, enorme, magro que nem imagem, preto, chapéu de palha, nariz aquilino e pés enormes esparrados no chão, vivendo no Fundãozinho (ou no Escondido, nem sei bem), pelos lados do Bom Jesus, a légua e meia do São José do Duro. Só me recordo de que, num indeterminado momento, ele já trafegava na minha meninice, todo mesuren-to, todo paternal, trazendo mangaba, araquá, bacupari, areia de arear trem e outros agrados do mato para completar seu conceito de homem bom.

Não lhe sei o berço: diziam uns que era da Bahia; outros, que era dali mesmo das bandas do Escondido. O certo é que a incerteza da sua origem dava mais um toque legendário à sua figura, que de tanto se identificar com a terra, parecia um pedaço dela em forma de gente. Casado (amigado, melhor di-zendo) com Loura, uma preta disposta e trabalhadeira, morava com a mulher, os filhos e a cunhada Doza, que lhe via na ca-chaça a pior das pragas:

— Nem Domingo Cachaça acompanha a tiorega desse ex-comungado!

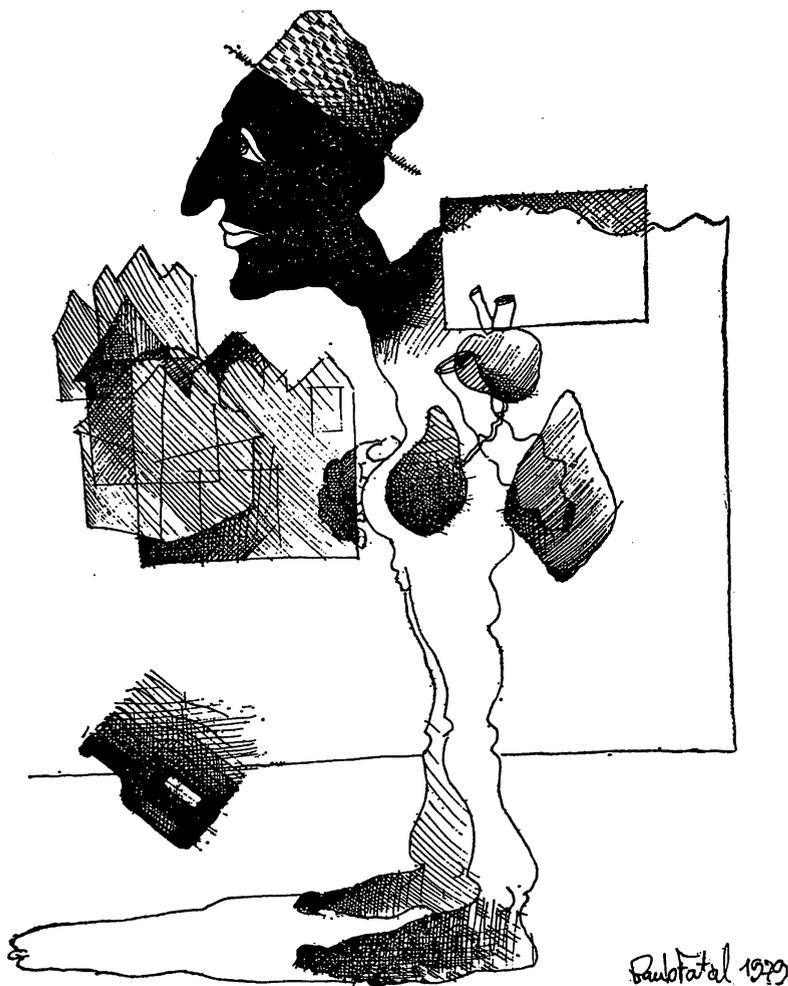
Roça, meia tarefa de arroz, feijão, milho e mandioca, cultivada nos fundos do quintal pelo tempo inteiro de Loura e Doza e pelas folgas da pinga de Antonhão, que o neto, de seis anos, malmente dava para servir de vigia de periquito e maracanã no tempo da parição do arroz.

Vivia Antonhão era de levar umas cabeças de guariroba a troco do sal, um agrado do mato para trazer a meia libra de café e um feixe de arará ou murici por uma quarta de fumo da Larga. E, às vezes, quando apertava a vontade da dose de cachaça, não relutava em trocar o sustento pelo copo. Depois da colheita, a pequena estiva que guardava mantimento para a seca ia minguando-se, de tanto Antonhão freqüentar as bodegas da rua.

O vício desgraçado acabou por desgraçar-lhe a reputação e expulsar-lhe os derradeiros sentimentos: vergonha, honestidade, bom senso. Chegava a ponto de pedir água, beber e, à primeira distração, carregar o copo para trocar por pinga na venda mais próxima. E assim era com o prato que a caridade e o conhecimento lhes punha nas mãos. Ninguém confiava mais. Fiado, nem em sonho lhe fiavam. As contas dele, esparramadas em tudo quanto era boteca do Duro, o Diabo havia jogado num buraco e botado o pé em cima. Antonhão ficou tão treiteiro, que, se vendesse um cavalo, era capaz de dar um jeito de ficar com a marcha.

Quando Porto Nacional surgiu como um novo eldorado, um aceno de esperança de dias melhores, arrebanhando o povinho esperando, Doza e o filho de Antonhão largaram o Escondido, deixando-lhe um vazio enorme, que ele tentou preencher com a cachaça, o vício de Antonhão tornou-se o sempre: pelo menos, o estado de inconsciência não o deixava pensar nos seus esgaritados no mundo. A filha, coitada, antes de surgir o Porto como esperança, já sumira, tocada pelo desgosto.

A molecada do Duro, cuja insensibilidade, própria da idade, não alcançava o íntimo de Antonhão, fazia chacota ao seu redor, debaixo das mungubeiras da praça:



— Ei, Pé-de-Janta!

Por sua pacatez ou por estar sempre trespassado pela pinga, Antonhão limitava-se a levantar a aba do chapéu de palha, gelar os olhos vermelhos e mortiços, para voltar a recostar-se na mungubeira e dormir.

— Lá vem o soldado, Antonhão!

Era como uma fâisca despertando Antonhão, que tinha verdadeiro pavor de soldado, embora jamais houvesse chegado ao menos à porta da cadeia. E levantava-se de vez, medindo a praça com passadas enormes para ganhar a Rua dos Rodrigues, que dava saída do Duro. Nesses momentos, os efeitos da cachaça desapareciam.

Mas o medo de soldado tinha seu porquê. Certa vez, quando se encontrava à sombra da porta de Joaquininha, em companhia de Raimundinho da Larga, Joãozão e do resto do povinho freguês exclusivo da venda de Joaquininha, começaram a atucanar-lhe a paciência para vê-lo zangado (o que era quase impossível). Mas Antonhão nem molgou. Então, a molecada, que estava a fim de vê-lo atenzado, foi fazer fuxicos com o cabo Gregório, comandante do destacamento, só para ver Antonhão apertado.

— Quem Pé-de-Janta?

— Antonhão, do Escondido, marido de Loura, seu cabo! Cabo Gregório riu-se, dando de ombros e voltando as costas:

— Quá! Antonhão é de fazer bagunça nada! Ele só bebe pra esquecer de que não pôde ir pro Porto com Doza e Celestino. Larguem o homem de mão!

A rapaziada não se fez de rogada. Queria porque queria achar um pé para o cabo passar um susto e dar uma carreira em Antonhão, pois suas passadas largas e seu correr peculiar sempre arrancavam sonoras gargalhadas. E um dos intrigentos, para lograr êxito na trama, cutucou os brios do cabo, que, dentre seus numerosos filhos, nutria pelos gêmeos Jarbas e Jaldas as maiores preferências, ignorando as capetices e malfeitos que a dupla semeava por todos os arredores do Duro, e, o que era pior, abonando-lhes os atos, a ponto de exigir satisfações de quantos viessem colocá-lo a par das artes dos meninos:

— Antonhão tá lá na porta da venda de mãe dizendo pra Deus e o mundo que vai pagar seus meninos no couro! — era Manoel de Joaquininha futucando o cabo.

— Pegar quem? — interessou-se o cabo, voltando-se e chegando mais pra perto com as mãos na cintura e com a testa franzida.

— Aqueles gêmeos: o branquinho, Jaldas, e o moreninho, que vive com a avó, a velha Dionília! — outro completou a intriga.

— Pegar por quê? — o cabo cerrou os sobrolhos, cuspiu de lado a pele de fumo que mascava e quis saber mais, tendo resposta imediata:

— Sei não. Disse que ia pegar os dois com cipó de miroró lá na Fazendinha de Augusto Rodrigues, quando eles passassem pro Discreto.

E colocaram um bando de mentiras na boca do pobre do Antonhão: que não tinha medo de soldado; que a mulher do cabo, Helenita, é quem manobrava a casa; que isto, que aquilo. Nem bem chegaram ao fim do rosário de injúrias, o cabo, mal-dando muito de Antonhão, já vestia a farda cáqui, afivelava o cinto de couro com o sabre encastoado e saía zangado em direção à ponte do Godinho, para buscar o soldado que completava o destacamento.

Ao ver a atitude do cabo, a turma, liderada por Manoel de Joaquininha e Guducha de Genésio, já antegozando a situação, correu para a porta de Joaquininha para atizar o inocente Pé-de-Janta, acororado debaixo do «ficus», cercado pelo povinho roceiro de sua igualha, que, nos fins da semana, ia levar cargas de banana, guariroba, abóbora e outras coisas em troca de roupas de retalhos e doces e bebidas na mão de Joaquininha.

— Cabo Gregório tá seco para pegar você, Antonhão! — era Guducha, querendo analisar-lhe a reação.

— Quem Grigoro?

— Cabo Gregório, rapaz! Não me diga que não conhece o cabo! O pai de Todão, Antonhão!

— Ah, o cabo! Tou é bestando. Então não era de conhecer o cabo, gente! Mas por mode quê? — disse despreocupado.

— Cê tá é pebado, Antonhão — cutucava Manoel de Joaquininha, completando —: E se ele chegar aqui pra levar você pra cadeia por causa de sua cachaça? Tão dizendo que ele vai curar o seu vício na cheirosa!

Aí, Antonhão, que não mexia com ninguém, achou que devia uma satisfação aos companheiros de sombra, acorados ao seu

redor, e bateu com a mãozona na bainha do facão, dizendo (mais da boca pra fora, que Antonhão era uma pomba sem fel):

— Uai, ele bebe mais do que ieu... e no mais a mais, home pra me bater tem que ser macho, ou acaba é levando um banho de facão nos peitos! — e deu uma gaitada cheia de «rá-rá-rá», seguido dos companheiros de roda.

— Esse compadre Antonhão tá cheio de inventiva hoje! — aparteou Culeu da Caetana, dando uma risada em coro com o pessoal todo, inclusive a turma, que ficava açulando os bestas, dando corda em Antonhão e de olho na esquina de Geraldo Faria, que de lá acompanhava o trança-chico, pitando um cigarrão grosso enrolado em papel Colomy.

Enquanto era esperado, a qualquer instante, o cabo dobrar a esquina em frente à casa de Ondina, alguém gritou, do lado oposto:

— É-vem os soldado!

Quando se assustaram, foi com o cabo Gregório e João Soldado em cima deles, pisando duro pra cima de Antonhão. Tinham vindo pela Rua do Mercado, passando em frente à casa de Calça Boa, no beco de Afonso Carvalho e saído em cima do pessoal açorocado na porta de Joaquininha.

Nem foi preciso prevenir Antonhão, que prevenido já estava pela conversa batida e sem propósito de Guducha e Manoel de Joaquininha. Quando gritaram «-vem os soldado!», ele deu um pulo, que derrubou uns dois ou três, ficando nas mãos de João Soldado a capanga de retalhos de padrões diversos, cuja alça de mescla deixou um rastro de assadura no pescoço de Antonhão, que levou a praça nos peitos, passou pelo cruzeiro da igreja, pegou a Rua dos Rodrigues e em questão de minutos já passava pela Capela dos Nove, a mais de quilômetro dali, perseguido à distância por João Soldado, que o cabo Gregório mesmo só teve arranco para agüentar até à porta de Janoca, na Rua dos Rodrigues. João Soldado só chegou até ao córrego da Maria dos Reis, onde parou para levar Antonhão de vista na descida da Fazendinha.

Dali por diante, Antonhão passou a ter um pavor mórbido de soldado.

Após o aperta-pé de João Soldado, ele ficou muito tempo sem ir ao Duro, sem saber que logo depois do pega pra capar a situação tinha sido esclarecida com o cabo Gregório, que até se riu. Mas Antonhão, que era mais grande que inteligente, não tivera tino para imaginar que uma pessoa de alma branca nada podia dever à sociedade. Cachaça? Ora, se o próprio cabo Gregório vivia invernado com Almiro de Fortunata, cercando frango na rua... Cachaça não podia ser; só podia ser intriga. Mas o medo foi maior, e ele preferiu afastar-se do Duro por uns tempos, até o episódio ficar sepultado pelo esquecimento.

Aí, Loura, que vivia sem saber que fazer para ver o marido esconjurar o vício, cintilou uma idéia na cabeça:

— Enquanto cê não largar essa maldita, o cabo Grigoro pode botar a mão em riba d'ocê, Antõe! Ainda ontem, ele mandou recado mode você ir buscar a capanga.

Que fazer? Largar a pinga? E como é que ia agüentar a melancolia, a saudade dos filhos? Ainda bem que lhe restara o neto, resultado de uma acontecência mal sucedida da filha, o que a fizera arribar desnorteada sem rumo de seguiação. Parentes outros, nenhum; só Loura e o neto, Erasmo, que, volta e meia, lá iam à cidade com um jegue arreado pra trazer Pé-de-Janta, que mal se sustinha, por força da pinga.

O caso do cabo Gregório viera a talho de foice. Assim mesmo, Antonhão, ao saber que todo o destacamento havia ido atender a um chamado dos superiores em Pedro Afonso, mandou que seu compadre Antônio Sereno, que ia à cidade, se certificasse do fato. Na volta, passa Antônio Sereno com um companheiro e informa: de fato, o cabo fora com João Soldado para Pedro Afonso. Muito desconfiado (desconfiança ele tinha de sobra), disse:

— Compadre, Tiago aqui me disse que viu ancê na rua hoje...

— Uai, Tiago, cê tá é bestando! Eu tava lá na rua, home!

— Onde cê tava lá? Topei com todo mundo na casa de Joaquininha, menos você.

— Cê viu essa égua melada na porta de Nélio?

— Vi, é verdade. A égua melada eu vi.

— Apos era ieu. Tiago!

Ciente da ausência do cabo na rua, Loura conseguiu carregar Antonhão até o doutor.

— Novidade, Antonhão, você aqui no hospital?

— Cisma de Loura, dotô! Disse que tou meio perrengue. . .

Correndo os olhos na cara preta e encarquilhada, passando pela caixa do peito seca que nem passarinho, descendo pelo corpo tísico e curvado que nem vara verde e parando nos pés enormes que lhe valeram o apelido, o médico pergunta:

— Quantos anos, Antonhão?

— Sei não, dotô. Só sei que na era de quinze sofri na seca braba. Eu regulava meus dois ou três anos.

— Tá sentindo o quê?

— Uma dorzica aqui na passarinha, boca amargosa e uma moleza. . .

O doutor fê-lo deitar-se na mesa, desabotoou-lhe a camisa remendada e passou a auscultar: o folguejar, curto; o fígado, dolorido no palpar.

— Precisa de um tratamento, Antonhão. Vou passar-lhe uns remédios pra dar volta nessa moleza primeiro. Leve estes dois e tome este dinheiro; passe no Herculaninho e compre o outro.

Com o dinheiro, Antonhão foi direto à farmácia de Herculaninho, deixando todo mundo besta ao vê-lo passar de liso em frente a vários botequins, sem dar ligança a cachaça. E por vários dias, esteve de volta ao Duro, levando coisas para vender e convivendo com os companheiros de cachaça. Mas a súbita mudança de comportamento não fora suficiente para recobrar o crédito que a pinga escanchelara. Ainda conseguia alguma coisa fiado na «Casa Ponto Certo», de Nélio, assim mesmo sob o aval de Loura. Vendo Antonhão passar de largo, o povo pegou a comentar que estava ocorrendo um milagre, mas não para Otavinho, em cuja porta Domingos Cachaça morrera bêbado, atropelado por um carro-de-boi:

— Antonhão largar a pinga? Quá! Carneiro quando afasta a marrada é mais segura!

— Mas já faz dois meses que ele tá sem beber, Otavinho! — alguém ponderava, sempre tendo em Otavinho um desconfiado.

— Domingo Cachaça também deu um basta por uns tempos. Raposa cai o pêlo mas não deixa de comer galinha! Morreu chilado.

Tudo voltara ao sempre. Até o cabo Gregório, de volta de Pedro Afonso, encontrara-se com Antonhão e explicara tudo, devolvendo-lhe a capanga remendada e a paz de espírito. Só o crédito permanecia inalterado: nem um quarto de rapadura me-lenta era vendido fiado.

Um dia, madrugada, chega Antonhão e bate à janela do comerciante, seu compadre, que se depara com um quadro de cortar o coração: à sua frente, olhos vermelhos, rosto chupado, voz entrecortada, Antonhão chora:

— Sou um infeliz, compadre! Tou pagando caro pela minha senvergonhice e minha safadeza!

O lojista, ainda esfregando os olhos e bocejando, não entende aquela súbita e inexplicável confissão:

— Que foi, compadre?

— Uma desgraça, compadre Bera! Primeiro foi Maria, que pegou doença do monturo e afundou no mundo. . .

— Que foi agora, compadre? Comadre Loura tá doente?

— Antes fosse, compadre, antes fosse! . . . Agora foi Erasmo, que foi ofendido de cobra, ontem de noite. . .

— Quem Erasmo? — quis saber o comerciante.

— Meu netinho, compadre — Antonhão estava a ponto de beber o fôlego —, e foi jararacuçu-papo-amarelo. O bichinho não vingou. . .

— Morreu?

— . . . no descambar da lua. Loura ficou com ele, enquanto vim cá ver se arranjo pelo menos dois metros de ma-drasto, um par de precata e um brim mode fazer um enterro decente.

O compadre, coçando a cabeça, pensou no livro borrador da loja atopegado de contas de Antonhão e tendo nele o mais velhaco dos fregueses, mas não titubeou em atendê-lo, desman-

chado diante de toda aquela humildade do desgraçado. E fechando a janela, pediu-lhe que esperasse na loja, enquanto ele se vestia para ir atendê-lo.

— Mas, compadre Bera, tou sem um minréis na gibeira mode pagar os trem. . .

— Caso de morte é caso de morte, homem!

Foi à loja, passou-lhe a mercadoria e até prometeu ir ao enterro do menino. E para completar a caridade, acordou a esposa, que, bamba de sono, foi cortar e costurar uma calça e uma camisa pro pequeno morto.

Lá para o meio-dia, chega um pretinho à loja, e, na ponta dos pés, consegue alcançar com o queixo o balcão para perguntar:

— Ioiô tai?

— Quem é seu avô, menino?

— Antonhão, de iaiá Loura.

— Cê é neto dele? — o comerciante pensou que o pretinho estivesse ali com o recado pro enterro.

— Sou, inhô sim!

— E o menino que foi ofendido de cobra?

O pretinho fez um trejeito com as bochechas:

— Sei não, sinhô!

— Como? Um neto dele por nome Erasmo. . .

O negrinho fez uma cara de espanto, interrompendo:

— Erasmo é ieu.

Antonhão aprontara mais uma das suas. Bem que Otavinho estava certo. Quando foram dar conta dele, estava debruçado no balcão da venda de Joaquininha, que tinha fama de não fiar um tostão a seu ninguém. O compadre enganado, vendo Antonhão escornado diante de uma garrafa aberta e pelo meio e mais duas arrolhadas, metidas na capanga, não se conteve e bradou:

— Não sei como é que ainda tem gente que fia cachaça pro compadre Antonhão! . . .

Joaquininha, do lado de dentro do balcão, lenço amarrado na cabeça, interveio com sua voz fanhosa, falando pelo nariz:

— Fôe finhado não. Enle pangou.

— Pagou como, se ainda hoje vendi umas coisas fiado pra ele, porque não tinha um tostão?!

Joaquininha disse ter recebido, em troca da cachaça, uma calça de brim, uma camisa de madraço e uma alpercata arreada.

Assim era Antonhão.

Tão imprevisivelmente como surgiu, transando com sua gente nas ruas do Duro e definhando à partida de cada um dos seus pro Porto, ele sumiu um dia, mais ainda vejo sua imagem na sombra da porta de Joaquininha e na beira dos balcões das vendas de cachaça de São José do Duro.

OS REVISORES DE CATALOGOS

JOACHIM

Edwaldo Zampier Salles

Curso de Matemática — ICEX
Instituto de Ciências Exatas

Do alto do pequeno apartamento da Rua Caetés, regulando uma luneta entre as mãos e os cílios, a mulher idosa olhava atentamente aquele borbulhante tacho que é o centro da cidade.

Bem-humorada e esperta, ela se dizia macaca na copa de uma grande árvore, os ótimos olhos espiando o povo e sapecando de piadinhas os passageiros das ruas, muito embora eles jamais tomassem consciência disso — a distância vertical que os separavam, em espaço, tempo e solidão era considerável — e mesmo se assim não o fosse e eles olhassem para cima, dificilmente distinguiriam aquela única cabecinha branca, encolhida, desabrochando minúscula entre as inúmeras janelas das grandes árvores.

Gozava de sua torre a multidão das ruas com o realístico senso de tragédia das pessoas que viveram muito e que das chicotadas que levaram aprenderam a sentir cosquinhas.

Um ar de abandono no quitinete. Ela sabia que junto com cada sátira à mulher tropeçando no longo, ao fiscal que toma uma dibra do camelô, ao sujeito que passa a mão nas coxas da mocinha, junto com cada anedota que testemunhavam pedaços de sua idade, cenas que já vivera seja acordada, em devaneios ou sonhos.

Dalí já viu polícia espancando popular, já viu operário despençar de andaime, já viu estudante fazendo passeata, trabalhadores em greve, diversos assaltos, doze estupros num lote vago e trinta e dois suicídios, além dos atropelamentos diários e das confusões a todo minuto.

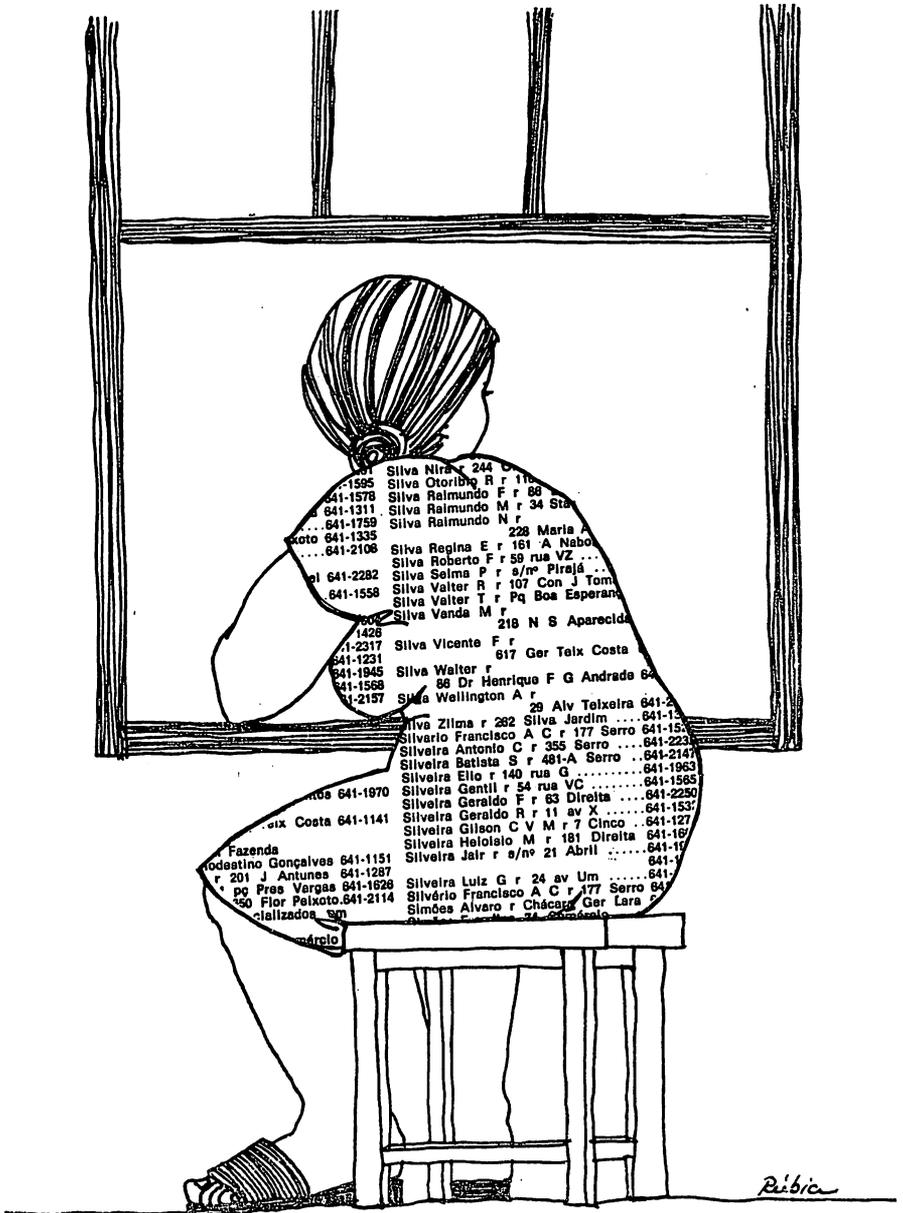
Antes o marido ficava com ela e isso até que era um pouco bom, pois afastava a solidão de apenas dois olhos. Mas nos últimos tempos seu silencioso velho estava se diferenciando interiormente, passara a se longevisar trancado no outro cômodo da morada, seu estúdio, conforme escrevera na porta com caligrafia de artista.

Sem muita pressa, ele, com a vista ruim e pendurado numa lupa, percorria incansável palavra por palavra, linha por linha, página por página dos catálogos telefônicos, memorizando cada número que ia lendo, apesar de nunca ter possuído ou mesmo usado um telefone em toda sua vida. Era dos antigos e não gostava do barulhinho nervoso e estridente deles, confessara certa vez; mas adorava explorar as folhas povoadas de nomes e conhecê-los intimamente, identificar parentes, homônimos, constatar mudanças, conversar com eles e tê-los possivelmente como fortes amizades. Contava sua mulher que ele sabia de cor todos os nomes e números registrados daqueles catálogos, além de ser capaz de contar em detalhes a vida social e as profundezas da alma de cada um dos assinantes.

«Esse tá aqui há mais de vinte anos, dizia, é dos pioneiros. Esse tem três aparelhos e duas extensões. Já esse aqui (chamava-os pelo sobrenome) é recente: seja bem-vindo, meu bom amigo».

Eram variadas pilhas de catálogos consultados sistematicamente, dispostos pelo estúdio em magnífica ordem que faria inveja a qualquer bibliotecário competente. Um arquivo de mestre, poderia aposentar-se de novo.

Freqüentemente escrevia poemas e em vários deles comparava aquelas páginas a uma espécie de floresta tropical, onde as letras seriam árvores, os números bichos e onde ele pretendia se embrenhar um dia, caçar, nadar, bisbilhotar de perto aquelas matas... mas sem a nostalgia irritante que ecoa das



Silva Nira r 244 D 641-1595
Silva Otoribio R r 116 641-1578
Silva Raimundo F r 88 641-1311
Silva Raimundo M r 34 Sta 641-1759
Silva Raimundo N r 228 Maria A 641-1335
Silva Regina E r 161 A Nabo 641-2108
Silva Roberto F r 59 rua VZ 641-2282
Silva Selma P r s/nº Pirajá 641-1558
Silva Valtor R r 107 Con J Tom
Silva Valtor T r Pq Boa Esperan
Silva Vanda M r 218 N S Aparecid
Silva Vicente F r 617 Ger Teix Costa
Silva Walter r 88 Dr Henrique F G Andrada
Silva Wellington A r 29 Alv Teixeira 641-2
Silva Zilma r 282 Silva Jardim 641-15
Silvario Francisco A C r 177 Serro 641-223
Silveira Antonio C r 355 Serro 641-2147
Silveira Batista S r 481-A Serro 641-1963
Silveira Elio r 140 rua G 641-1565
Silveira Gentil r 54 rua VC 641-2250
Silveira Geraldo F r 63 Direita 641-1537
Silveira Gilson C V M r 7 Cinco 641-127
Silveira Heloiso M r 181 Direita 641-19
Silveira Jair r s/nº 21 Abril 641-19
Fazenda 641-1151
Ferdinando Gonçalves 641-1287
Flor Peixoto 641-1628
Flor Peixoto 641-2114
Specializados em 641-2114
641-2114

Ribic

civilizações em decadência ou o escapismo campista das classes privilegiadas, fazia questão de frisar.

Sua mulher, professora primária aposentada, não lhe dava por isso muita importância, pois supunha exercer melhor atividade: reconhecer e às vezes corrigir, repreender os passageiros das ruas, desde os que faziam parte do quadro rotineiro até os que freqüentavam de vez em quando e os que circulavam raríssimamente.

Possuía o dom raro da lembrança inesquecível, gravando na cabeça as peculiaridades de cada um de maneira indestrutível.

«Aquela ali já pintou o cabelo três vezes esta semana. O dono da banca só expõe pornografia. O morador daquele prédio anda nu pela casa». Dizia ela enquanto cantarolava baixinho cantigas empoeiradas pela recordação.

Certo dia seu velho sumiu de repente, sem deixar vestígios. O estúdio, como sempre, estava impecável, intato. Só um catálogo aberto sobre a escrivainha, a lupa jogada de lado como que abandonada às pressas por não ser mais necessária.

Então ela enjoou de olhar para o mundo, descruzou os braços da sacada, fechou definitivamente a janela, trancou-se no estúdio e começou a procurar o nome de seu velho pelas trilhas das florestas.

RUA DA PALHA

(a outra face da saudade)

LIVUZIA

Aloyzo de Souza Rocha Filho

Curso de Comunicação Social

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

O relógio acordou mais cedo que o sol, Joaquina levantou cantarolando uma velha canção de Waldick Soriano — «o consolo de minha vida»:

«Sua beleza com o tempo vai embora.

Em vez de rir, você virá chorar comigo».

Galdina também acordou naquele instante, ouvindo as últimas palavras — «Joaquina hoje tá do jeito que o diabo gosta» — Olhou para Léu que ressonava ao seu lado, depois de uma noite de roncoss de trator. Com os olhos remelados e um gosto-de-cabo-de-guarda-chuva-na-boca correu pro pote matar a sede.

Essa vida de puta é dura, né Galda? — Era o cumprimento que Joaquina lhe dirigia.

— Que é que foi, mulher?

— Pois não foi o desgraçado do Eupério Soldado que dormiu aqui e não me pagou?! Ainda levou meus cinco contos que era pra comprar querosene.

— Soldado é assim. Só porque vive metido naquela fardinha acha que é pouca bosta! Ora, manda ele se contrapinar no inferno!

— Eu, hem! Chega de trocar de fechadura toda semana. Acho que os moleques daqui acham que quebrar fechadura virou moda.

— Pois é. Anteontem dois moleques quebraram a porta da casa de Flora só porque ela não abriu quando eles bateram. Também era mais de duas horas da manhã!?

— Acho que foi Zé Valdir e Julim de Oscar Lôbo! Eles é que andam metendo o pé na casa de Meire. Esses maloqueiros daqui, só indo pra Pedra Preta. Pois não foi que ontem eu mandei comprar fiado na venda de Ursino, e o fio-da-puta mandou dizer que só vendia com o dinheiro na frente? Ah, mas ele me paga! No dia que encher o rabo de cachaça e quiser curtir na minha cama ele vai ver! Tudo uns desgraçados!

Entrou pela cozinha dando um tapa no gato em cima do fogão.

— Vou acordar Pedro. O desgraçado veio dormir tão tarde que eu nem vi e já tá na hora dele ir pra padaria, pois Pelego foi inda'gorinha mesmo.

Entrando pelo quarto e berrando pelo filho, tentava encontrar um fósforo pra acender o fogo e coar o café.

— Já de pé, Joana? — Era Silvinha acordando. Eu vou lá no Posto ver se Loy tem uma amostra grátis pra esse diabo de dor nos rins!

— Toma! Eu falei que cassetete não alisa ninguém! — Joaninha ria, os dentes pobres de fora e as gorduras balançando. Vou buscar água no rio.

E saiu equilibrando a lata vazia na cabeça. Cantava:

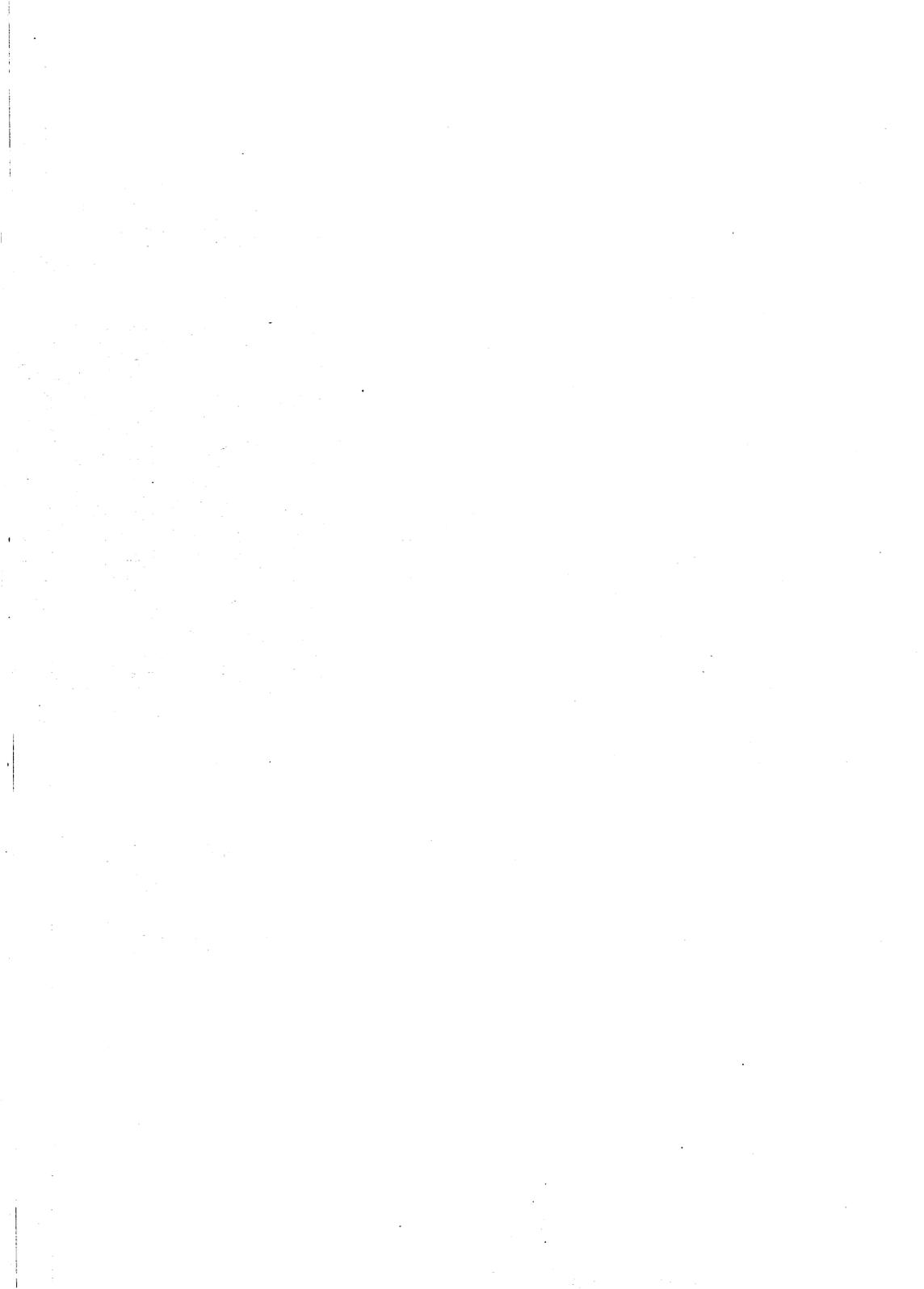
«... o nosso amor durou somente uma semana,
e eu pensava conservá-lo a vida inteira...»

O sol abriu os olhos, sonolento.



CONCURSO
DE
CONTOS

TRABALHOS ESCOLHIDOS
MENÇÃO HONROSA



DO LADO DE CÁ DA PONTE

GREGORIUS

JOSÉ ALEXANDRE GOMES MARINO

Escola de Belas Artes

Eu votei no Jaburão, mas se o Chiquinho ganhar, para mim é a mesma coisa. Qualquer um aqui das Candeias vai ser melhor do que os prefeitos da cidade, que entram e saem, entram e saem e nem se lembram que nosso bairro existe. Foi por isso que resolvemos eleger nosso próprio prefeito.

O Chiquinho também é um bom candidato, mas aquele jeito caladão dele, de quem não gosta de briga, pode atrapalhar um pouco. Não que ele seja medroso, que isso não é. Como bom morador das Candeias, não engole desaforo. Mas talvez esteja meio velho. O Jaburão não baixa o topete para ninguém, não foge de uma discussão e, se for preciso, enfrenta qualquer um no braço. É desses que Candeias precisa: uma encarnação do próprio bairro. Por isso votei nele.

Mas nessas alturas nosso Movimento Separatista não pára mais. O povo está todo votando e o bairro está na maior agitação; o Tomás, o Bitola e o João Peroba, donos dos botecos transformados em zonas eleitorais, estão rindo até as orelhas. E o estoque de cana deles deve estar tendo um grande desfalque. Mas acabar, isso eu duvido que acabe. Dono de boteco aqui das Candeias que deixe a cana acabar no meio do expediente cai em descrédito popular.

Foi a maior briga na hora de escolher as zonas eleitorais. Quem queria perder uma oportunidade dessa para engordar o

orçamento? Não que o povo não encare a eleição com seriedade. Resolvemos unir o útil ao agradável. Primeiro o voto, livre e secreto, como manda uma democracia que se preza. Depois, qualquer um é livre para comemorar o sucesso garantido do nosso Movimento Separatista. Além disso, haveria localização melhor para as urnas? Os três botecos foram escolhidos numa reunião, onde estavam, além de candidatos, fiscais e outros, todos os donos de botecos do bairro. As zonas eleitorais tinham que ficar localizadas em pontos estratégicos, de modo a atender com facilidade a toda a população.

Os dois candidatos têm programas iguais, e o que perder vai ajudar o outro. O importante é nosso bairro. Aqui não existe partido, rivalidade. A existência de dois candidatos, no fundo, é só para dar mais emoção. Porque os objetivos são os mesmos, tanto do Jaburão quanto do Chiquinho. E o povo todo vai trabalhar.

Tem uma água nascente ali perto do Morro de São Francisco. Nós vamos canalizar essa água para todo o bairro, com canos de bambu. Vamos também construir uma rede de esgoto e depois calçar as ruas com adobe, tudo isso em mutirão. E lá perto da ponte, aquela ponte em péssimo estado que qualquer dia vai acabar caindo, ali no começo da Rua dos Boiadeiros, nós vamos por uma placa assim: «Bem-vindo à cidade de Candeias. Administração do Prefeito Fulano de Tal».

Assim que todo mundo votar, a comissão encarregada começa as apurações. Até amanhã de manhã já saberemos o resultado. Aqui nas Candeias, todo mundo conhece todo mundo, e assim a eleição está sendo feita sem maiores protocolos. Nem do título precisa, a única coisa exigida é que o votante seja morador do bairro. E como o interesse é só nosso mesmo, nenhum forasteiro vai aparecer aqui para votar. E se aparecer, nós sentimos o cheiro dele de longe, e aí ele vai embora mais depressa que chegou. Porque nosso povo é muito bairrista, essa virtude ninguém pode negar.

Hoje nem teve futebol no campo do Coríntia. Todo domingo o campo lota de gente para ver os rachas que acontecem lá, chova ou faça sol. As vezes também dá excesso de jogador. Mas é preciso estar numa forma muito boa para enfrentar

nosso bate-canela. Se bem que às vezes um se aventura a entrar em campo mesmo com a ressaca de ontem ou com as canas que bebeu ali na esquina até agora a pouco. Aí é triste. Mas aqui nas Candeias é assim: o pessoal enfrenta tudo, porque já está acostumado com a dureza do jogo.

Quando acabar a apuração, vamos mandar um ofício à prefeitura da cidade, comunicando a independência das Candeias e o nome do nosso prefeito. Não sabemos qual vai ser a reação, mas talvez nem levem a sério. Só depois que o povo começar a trabalhar, parar de pagar imposto, mostrar que não é de brincadeira. Aí não sei como vai ser. Muita gente acha que vão mandar a polícia para cá, prender os que estão à frente do movimento. Dizem até que estão só esperando a apuração para por a mão nas pessoas certas. Mas eles não imaginam é que, se isso acontecer, nós vamos encarar. Levantar o peito e mostrar nossa força e nossa união. Se nosso bairro está sempre esquecido, exigimos que continue, quando virar cidade independente.

Tanto o Jaburão como o Chiquinho pensam assim, mas isso o povo das Candeias está todo com eles. Principalmente depois que o prefeito falou no rádio que nosso bairro só tem doido e cachaceiro. O Movimento Separatista começou aí, mas ia começar de qualquer modo, dia menos dia. Nós sabemos que só com muita luta vamos conseguir levar nossa história no rumo certo, e nossa vida é assim mesmo. Por isso, estamos sempre prontos para levar a bom termo nossas grandes decisões.

INÁCIO, UM SANTO-MINOTAURO

CONSTANÇA

Branca Maria de Paula Xavier

Curso de Filosofia - Mestrado
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

De madrugada, acordo em sobressalto, situando-me de imediato no quarto, na casa e na cidade, como se não estivesse profundamente entregue a meus pesadelos. Acordo sabendo o lado certo para qual me virar, sem me chocar com a parede. Sabendo o ponto exato onde acaba o guarda-roupa, ao pé da cama. A mão encontra... não, a mão sabe encontrar o copo no escuro no meio do chão. A escuridão me serve de veículo. Chão seboso, penso, remoendo o dia anterior. Finco o cotovelo na costela do Inácio e começo a falar dos móveis, dos imóveis, dos colchões de pena, do tapete. Ele abre os olhos. Ronca.

Penso que, amanhã, chamo Inácio e digo: rompo tudo — assim dito, sem explicações. As explicações não existem, nós é que inventamos tudo — tábua de perdição. As palavras não dizem nada, nada do que realmente conta.

O jornal informa que a mulher matou o homem porque amava o cunhado. Matou porque queria o dinheiro que ele, sovina, escondia ou o dinheiro que ele, ingênuo, botava no seguro. Matou porque odiava o marido. Matou porque sempre quis, questão de oportunidade. Matou porque era sádica e os momentos mais felizes de sua vida viveu enquanto o homem agonizava. Matou porque matou. Tá aí o fato, consumação do irrefutável. Um fato é um fato e esmaga a gente.

E nós criamos as razões.

Assim, rompo com Inácio, amanhã, sem explicação nenhuma. Ademais, uma situação não se explica. Uma situação é deglutida, respirada, sentida, escutada, apalpada. As vezes, é ingerida e digerida; outras, permanece como massa encroada. Dela não fujo, recuso-a e pronto. Vomito a bÍlis.

Inácio tem cara de bebê, é voluntarioso como um bebê e pensa que sou mãe dele. Quer que eu lhe corte as unhas do pé, que eu esprema seus cravos, que eu apare os cabelos das orelhas, que eu lhe sirva café com creme, que lhe compre a roupa, que repregue os botões, que eu passe, prepare o suco, sirva-lhe o prato e pique a carne. Uma vez até tentou que eu desse comidinha na boquinha dele. Recusei indignada. Hoje eu não sei porque me indignei, quem faz uma coisa faz o resto.

Inácio é incorrigível. Mas não é bebê, já tá crescidinho, será que não desconfia?

Para cortar o cabelo é um deus-nos-acuda. Gasto um tempo pra convencê-lo que nem sempre é bom ser radical. Quando é que é bom ser radical?

Também não gosta de tomar banho e só não uso com Inácio técnicas similares àquelas que adoto com as crianças, porque ele dá dois de mim. Senão eu usava tranquilamente. Acho que vale a pena correr o risco. Os resultados, sempre possíveis, me seduzem.

Às vezes Inácio parece santo, às vezes minotauro. Santo e minotauro, minotauro-santo, cheio de divina fúria. Nessas ocasiões, arregalo os olhos, sou uma mulher do povo e me resigno. Também jogo água benta que, dizem, faz toda sorte de milagre: cura reumatismo, pé torto, colite, cegueira e espanta os espíritos maus. No meu caso particular, não tenho certeza, acho que é caso raro e caso raro é tão raro hoje em dia. Todo mundo tem uma estória comum.

Para treinar Inácio a jogar roupa suja na cesta, esgotei meus recursos, em vão. Numa voz caricosa, contei-lhe qual o comportamento que se esperava dele. Foi a primeira tentativa e Inácio sacudiu os ombros. Apelei para seus nobres sentimentos, manipulei-o. Qual nada. Lembrei-lhe os bons antecedentes — não

quereria sujar a folha, ou queria? — insisti. Ele não ligou a mínima.

Passei a treiná-lo aos berros. Por fim, depois de muitas lamúrias, queixas e exortações à boa conduta, passei-lhe uma coleira pelo pescoço e procedi a uma sorte de treinamento que operou maravilhas no caso do Totó.

Esfregava-lhe o focinho na sujeira cada vez que deixava a cueca no chão.

Faz dez anos agora. Ele se habituou de tal forma à coleira que, quando o solto em dia de festa, ele pede logo para voltar pra casa.

Realmente não entendo.

No caso do Totó... não sei, era um cão de coração tenro, sensível. Aprendia tudo com uma facilidade incrível. Mas Inácio só tem cara de santo, no fundo é um obstinado, um teimoso radical, um imbecil convicto.

Por isso, amanhã, rompo com tudo sem explicações.

Uma situação...

O ENGENHEIRO

MARINA

Sílvia Rubião Resende

Faculdade de Letras

A noite avança e a família espera. A cada intervalo comercial a televisão informa: «dentro de alguns instantes será divulgada a lista dos aprovados no vestibular». E o filme recomeça. John Wayne irrompe no **saloon**. Os fregueses olham assustados e permanecem imóveis. O bandido sentado no balcão enterra o chapéu na cabeça e toma mais um gole de conhaque. John Wayne avança, joga a bebida na cara do bandido e o domina com uma chave de braço. O revólver na goela. «Aonde estão os outros? Fala». Novo intervalo. «Atenção! Daqui a pouco...» O pai, a barriga saltando entre os botões do pijama, coça o bigode, alisa a calva.

É de propósito! Já estão com a lista... ficam pirraçando com os nervos da gente. Há quanto tempo espero por isso, meu Deus! Meu filho, meu único filho homem, estudante de engenharia. Quanto sacrificio pra ver esse menino na faculdade. O açougue dando tão pouco. Aluguel, roupa, comida, condução e aquela mensalidade absurda do pré-vestibular. Mas consegui, não atrasei um pagamento. E faria até mais se fosse preciso. Esse não vai nunca desossar um boi como eu, meu pai, meu avô. Sujar as mãos de carne. Daqui uns anos taí ele doutor, ganhando uma fábula. Quem sabe consegue até entrar de sócio numa firma. Pra isso vou pondo um dinheirinho na poupança, pois a faculdade é de graça. O governo paga. E esse bobo que-

rendo estudar ciências. Que futuro que isso dá? Impus minha vontade. É engenheiro ou não pago mais nada. Podia ser médico, profissão muito bonita, mas engenheiro é melhor. Ganha mais e tem muito emprego. O Brasil está desenvolvendo, é obra que não acaba mais.

O filme prossegue. Um bando chega a cavalo e cerca o **saloon**. A mãe tricota. Perde o ritmo ao ouvir um tiro e baixa os olhos novamente. Os dedos ágeis consumindo os romances.

Minha Nossa Senhora Aparecida ajudai meu filho Geraldo. Prometo assistir com meu filho uma missa em vosso santuário. Ele merece, um menino tão bom. Como estudou o coitadinho. O dia inteiro trancado no quarto com aquelas apostilas. Tão magro, tão abatido, sem se alimentar direito. A vizinhança vadiando na rua e ele estudando. Nem futebol, nem cinema, nem bebida, nem turma da esquina. Obrigada meu Deus. Um menino tão ajuizado. O mundo tão cheio de perdição e ele com tanta responsabilidade. É o que eu falo com o Geraldo. Nós somos de sorte, não existe mais filho assim. Ele vai passar, vai ser engenheiro, um exemplo para as irmãs. Mais tarde, quando estiver formado, quem sabe conhece uma moça boa...

O filme continua. Tiroteio na praça. Homens e cavalos no chão. O sangue jorra. José Geraldo Ramos da Silva Filho ajeita os óculos no rosto pálido e espera. Levanta-se. Ia ao banheiro. Desiste. Volta, senta-se e olha o relógio.

Como vou olhar pra eles depois do resultado? Tanta confiança em mim. Estudei, estudei muito, mas na hora não soube. Uma tremura, uma dor na barriga... Qual o valor de x na equação? Não, não sei. Letra d , acho que é. Engenheiro tinha de saber. Qual o número de oxidação no composto CO_2 ? Não sei, não lembro. Marco letra b do princípio ao fim. No cursinho fizeram uma estatística, é a letra que mais dá. Melhor não arriscar. Quais as fases da meiose? Método de exclusão. Dá muito certo em biologia. Por exclusão, letra a . O que foi o enciclopedismo? Qual o primeiro produtor mundial de bauxita? Qual desses poeta é parnasiano? Giló ou jiló? Qual o plural de **thief**? Não acertei nada. E os gabaritos, qual estará certo? O rádio deu

um, o jornal outro, o cursinho outro. Pela média, 225 pontos. Será que dá? Acho que não. Se tivesse feito pra ciências biológicas dava pra passar. Poucos candidatos por vaga. «É engenharia, Geraldinho. Isto é que dá dinheiro». Como vou ganhar dinheiro se não sei fazer um cálculo. Hoje em dia não precisa. Tem calculadoras, computador. O difícil é entrar na faculdade, pegar o diploma.

John Wayne liquida o último bandido. **The end.** Anúncios. Um locutor aparece no vídeo. «Atenção! Passamos neste momento a divulgar a relação dos aprovados por ordem alfabética». A voz grave começa: «Administração de empresas, arquitetura, assistência social, engenharia civil. Alvaro, Antônio, Beatriz, Carlos Alberto, Francisco, Helena Maria, João Lúcio, José Antônio, José Augusto, José Carlos, José Geraldo Ramos da Silva Filho. . .

Viva Geraldinho! Os vizinhos vieram. Abraços, cerveja, foguetes. O pai ria, a mãe chorava, o filho não acreditava. José Geraldo Ramos da Silva Filho, engenheiro civil.

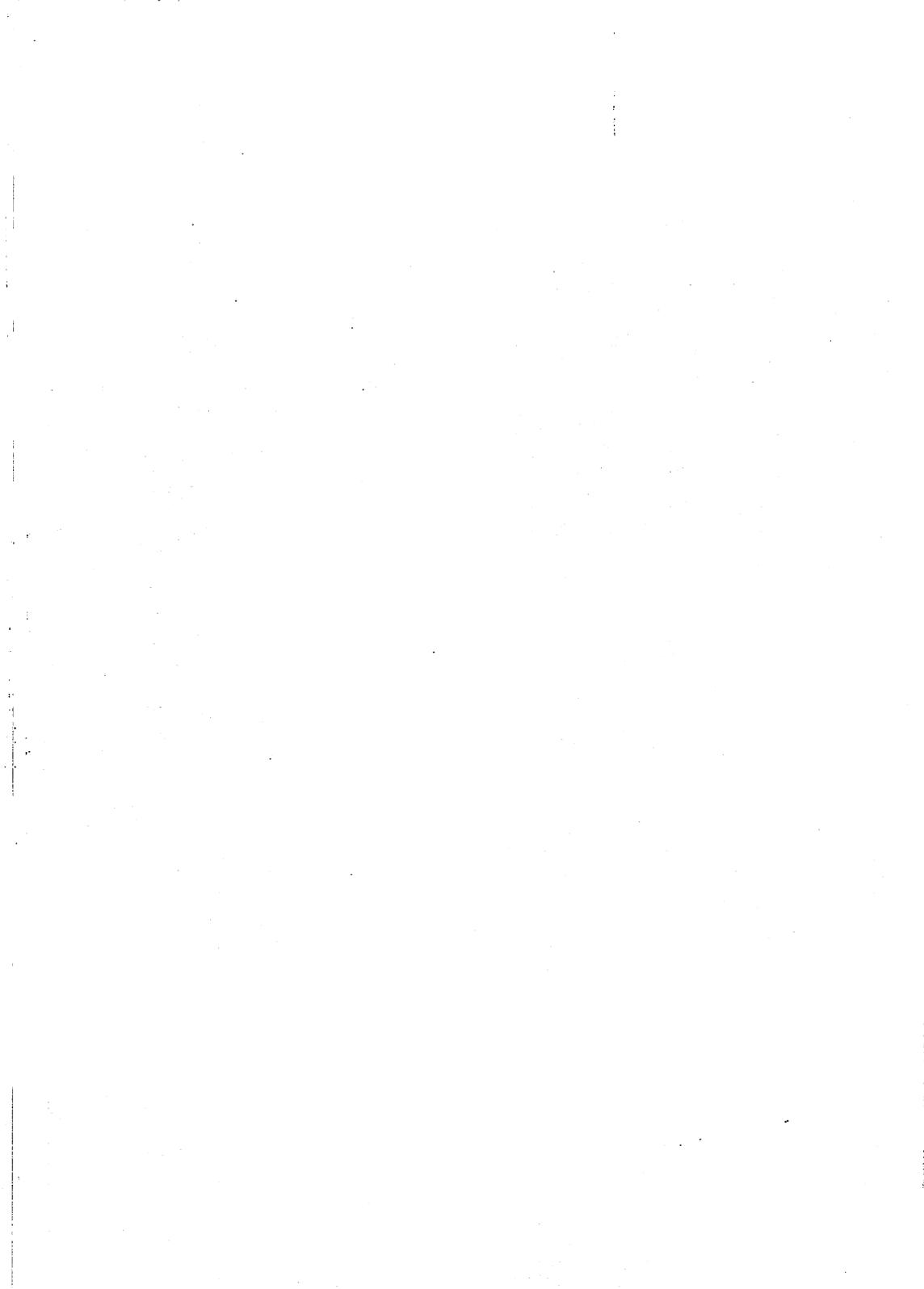
Promessa cumprida, matrícula, exame biométrico, calculadora eletrônica (presente do pai), caneta com o nome gravado (presente da mãe), uma pasta: Diretório Acadêmico da Escola de Engenharia. Primeiro dia de aula. Geraldinho na sala com os outros calouros aguarda ansioso a chegada do professor. Entra na sala um grupo de veteranos. É a turma do DA. Vêm cumprimentar os novos colegas, convidá-los para conhecer o DA, órgão representativo dos alunos, e pedir colaboração no movimento estudantil. Distribuem folhetos explicativos. Passam uma lista de apoio e solidariedade aos presos políticos que estão em greve de fome. Geraldinho não quer assinar. Lembra-se das recomendações do pai. «Cuidado com os subversivos. Não assine nada, não guarde panfletos, não converse com pessoas suspeitas, não frequente reuniões. Tudo isso é coisa de comunista, qualquer envolvimento dá complicação com a polícia». Geraldinho viu todos assinarem. Não teve coragem de recusar. Trêmulo, rabiscou qualquer coisa no papel. Colocou a cópia do abaixo-assinado que recebera bem dobrada, no fundo da pasta.

Chegou em casa e nada contou aos pais. Respondeu evasivo a todas as perguntas. Sim, gostara da aula, excelente professor, ótimos colegas. Foi para o quarto alegando cansaço. Pegou o dicionário, recostou-se na cama, abriu o papel que guardara sobre os joelhos. Palavra por palavra ia tentando entender o texto que assinara: repressão, anistia, ditadura, arbítrio, sistema, leis de exceção, estado de direito, alienação.

RL

revista literária

**CONCURSO
DE
POEMAS**



1º Lugar

O FIO

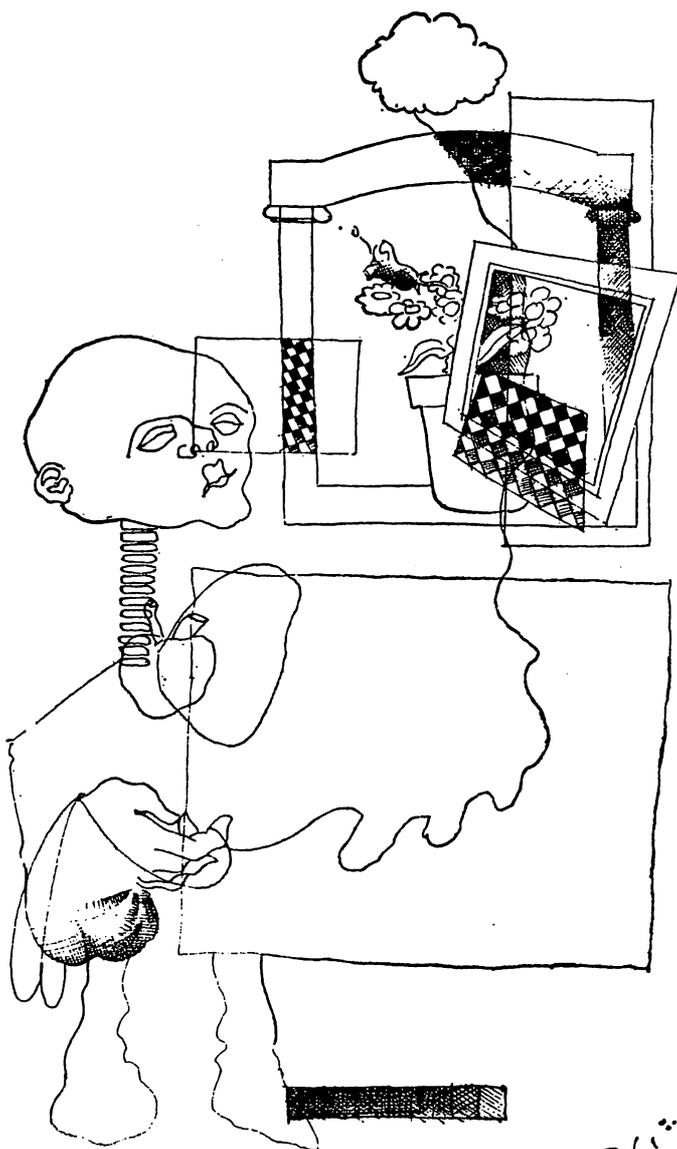
TOURO

Lúcia Castelo Branco

Faculdade de Letras

Laço escuro
te amordaça
e te arrebenta contra o muro.
Do fundo do teu labirinto
percebes homens famintos
a te devorar
(nada subsiste na terra
que não se subentenda no ar)

Laço estreito
te sustenta
e te sufoca lento o peito
(quem te sorriu nestas ruas
já te aquece agora o leito)



Paibotatal 1979

Caminhas pros homens famintos
percebes teu labirinto
a desmoronar
(o que vive hoje na terra
já viveu além no mar)

Laço aberto
te abandona no arremesso
teu direito é teu avesso
teu labirinto o caminho
onde o fim será o começo.

GERMEN EN EL SILENCIO DE AMERICA

NICODEMUS

Gerson Murilo Avila de Paula

Curso de Ciências da Computação
Instituto de Ciências Exatas

Floresce no osso, a fala
essa massa que embola
e cala
E arranha as ranhuras da boca
dos dentes de morder palavra

Espreme no silêncio
(de d'antes)
a nausea
En agora agita
o sufoco de batalha
per inútil trunfo em nada
(Ser soluble en la siembra del tiempo)

A esperança de irromper palavra
es el pájaro que se enlaza
em las venas
e aguarda a hora da revoada

Coz y cordilleras en el cuerpo
— Respiro retenido
(y los ojos rojos, aún)

OS OPERÁRIOS DA PALAVRA

X Y

José Alexandre Gomes Marino

Escola de Belas Artes

QUEIRAM OU NÃO QUEIRAM, SENHORES:

a palavra ainda germina
seja do silêncio ou da vergonha
e infesta o ar padronizado
como câncer que não se elimina

queiram ou não, senhores,
a palavra salta da garganta
como punhal sedento
que num momento de surpresa
se crava, explode e sangra

a palavra
é a água do riacho e as lavadeiras
e também as roupas
com todos fedores
e manchas costumeiras

cada homem que nasce
é uma semente vingando
é um silêncio morrendo
é a palavra que brota
em sílabas de liberdade

(cada homem que morre
é um poeta partindo
e ficando)

e se pecamos de dor
ou se falamos de raiva
em cada encontro na esquina
com um mendigo prostrado
ou ao deparar uma carta sem data
no bolso de um indigente
em que se fale de amor ou fome

sinta-se
a força de uma palavra

a palavra
é a revolta do motorista
sempre que o atropela
a fome do outro dia

é a frustração do pedreiro
por não saber construir
o mundo que tinha sonhado

e quando se solta a fala
os homens se tomam nos braços
e unidos empunham e amam
ferramentas e armas

pois a palavra
avança contra o crime
e decide o que vai nas ruas
e se levanta e contesta
se preciso, rompe a fresta
se preciso, ama e sua.

a palavra
é o facão que sangra a cana
a cada golpe decidido
de homens de vida amarga

das me
luvas de cast
bag... próximas de atin
al de açúcar,
na parte líquida de e
adocor
por exem
se infla...
que sempre se envergava al
no desalino... alguns louou
do pensamento
em efeito: se o cura...
sua antipatia que faz...
araza que produz a riqueza de curio
dade... que...
istas. Mas vem...
do século X...
sua...
de guerra...
social, religio...
que a lo...
-esco-
nário revelador
seu pensamento
interpretada como
alhes da viagem
Beia

e se do operário
cada gota de suor vale um salário
vamos amassar palavras e cimento
e construir sobre a terra virgem
um imenso vocabulário

cada homem
produz com o sangue das veias
uma mistura de óleo e tinta
cal e areia
para que menos lhe falte
e a fome se cale
a cada gesto do centeio

cada poeta
produz com o sangue da pena
uma mistura de suor e tinta
dor e poema
para que menos se cale
e o silêncio se evite
a cada verso certo

A PALAVRA É ARGILA SELVAGEM
que se molda em gesso e barro
ferro e aço
sangue e luta
em grandes barras de vida

E O HOMEM É ANIMAL DE CARGA
como o boi de arado
ou a mula oleira
de cujos passos se constrói o mundo
mesmo que ela ande em círculos
pela vida inteira.

CONCURSO
DE
POEMAS

TRABALHOS ESCOLHIDOS
MENÇÃO HONROSA

MIGALHA

MARIA DAS TRANÇAS

Anna Maria Viegas

Faculdade de Educação — Mestrado

Entre a flor e o gesto que dorme
Neste espaço teu me agasalho.
E a terra muda e o céu enorme
Penso ilha nos teus olhos
Planto bruma nos teus bosques
 sonhando árvores
 suspensas do cascalho.

VER-TE NÃO TE QUERO VERDE

PENNA IV

Napoleão Laureano de Andrade

Curso de Física
Instituto de Ciências Exatas

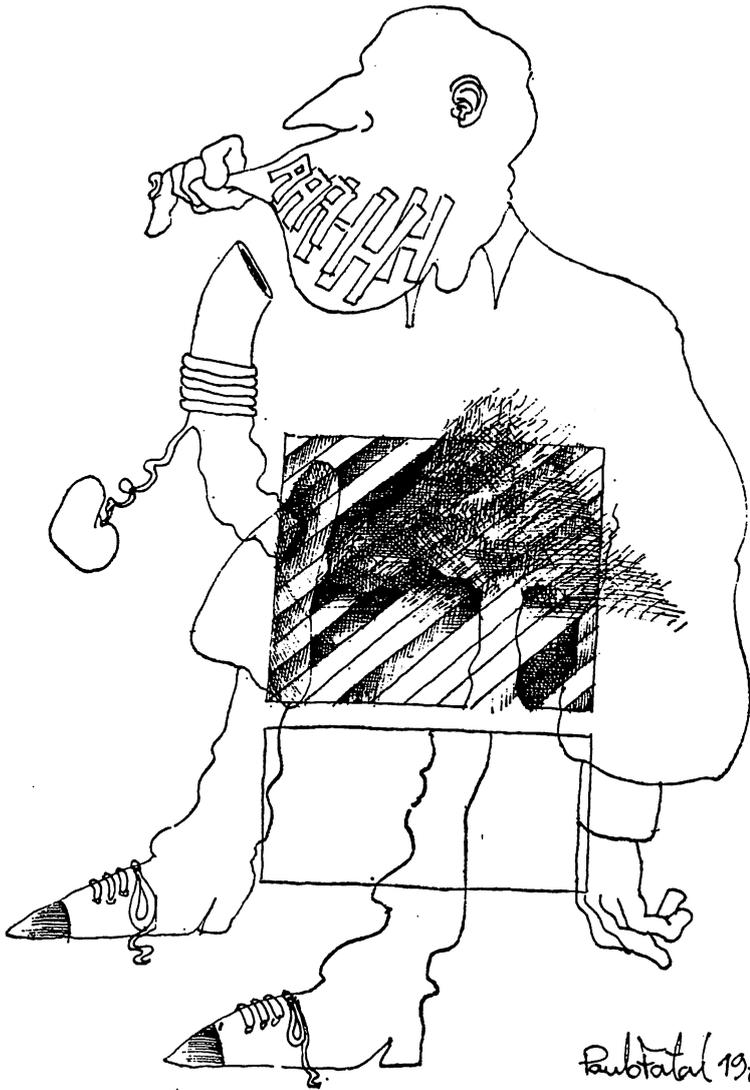
a hora que passa
agora ainda é verde
espere espere um pouco
depois grite até que fique rouco

espere que mude o tempo e vente
e o vento verta de um ventre o verde
espere mais um pouco ainda agüente
espere a esperança é verde tenra folha
é verde mas inda não-siga
espere ainda

não diga

a palavra

inda não plante não nesta lavra
porque a hora ainda é verde — não colha
o vento ainda não chegou veloz
guarde um pouco ainda a sua voz
(depois grite até que fique rouco)



depois chore — e grite — até que fique louco
grite contra o céu: grite contra o seu ouvido rouco

* * *

e depois o vento vai soprar na planície deserta
onde nem uma árvore testemunhará sua esperança
e só talvez os ratos (será outono essa estação incerta)
poderão dançar a coreografia desta última dança
nessa noite sem lua (e sem verde) que por sobre sua espera

[avança

sem nostalgia de sol para o orvalho da grama
não será azul o céu

será verde — cor de fel

SAPATO

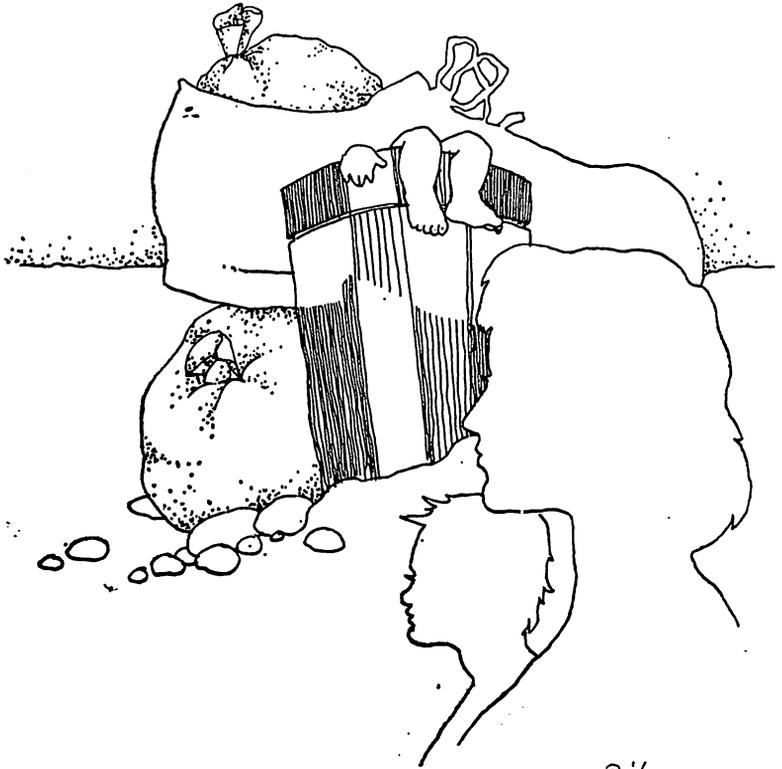
MANOEL GONÇALVES

Miguel Ângelo Freitas Ribeiro

Curso de Filosofia

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

No carro do lixo, o pé
de sapato do lixo-monte
lembra à Formiga o pé
da sombra de sombras humanas
dos meninos mortos no lixo! . . .



Rubić

RL

revista literária

SEGUNDA SEÇÃO



POEMAS

COMPOSIÇÃO

Luiz Carlos Alves

Contemplo-te os olhos
e frágil, um barco,
me perco no azul.

Luas indormidas
de prata te escorrem
fios nos cabelos.

Tuas mãos, um gesto
no corpo, traçados
rumos de horizonte.

Dos lábios, tremor
de asas, leve sopro
entre a voz e a flor.

Romãs, os dois seios
crispando-se ao toque,
primaveras rubras.

A abelha do sexo,
o mel, o alimento,
a ânsia de viver.

Na areia dos pés,
a marca, convite,
vem de longe o andar.

Componho-te amada,
mulher, na palavra
na qual te disperso
te reúno, forma
de te amanhecer
em mim, como um poema.

RITORNELO

Danilo Gomes

Antes cautamente te esquivasses
daquelas noites aos doces amavios.

Antes não te houveras enredado
nas tramas que Fortuna,
tarde, tece.

Antes presto destroçasses teu enlevo
no silêncio dessa praça, desses bancos.

Antes nova gleba não lavrasses
nem provasses o gosto desse vinho.

Antes à ave cega impedisses
alçasse à lua o ardor de seus remígiois.

Antes selasses a boca,
vedasses os ouvidos,
desviasse os olhos
para as vagas estrelas de Andrômeda
ou possíveis glicínias sobre a relva.

MÉXICO DE CARLOS FUENTES

Danilo Gomes

Frios entardeceres.
Charcos de sangue.
Chaparrais da tarde.
Nopaleiras e **mezquites**.
O Planalto em fogo.
Todas as balas, todas as esperanças.
Mi corazón quedó a Acapulco.
O deserto sob o sol: um reino
de cactus purpurinos.
Toda vida por um fio,
todo amor amenazado.
Juan Sánchez canta «Recuerdos de Durango»,
Julián Reys fuzila **colorados**.
O céu todo escarlata.
Caramba, que longa luta!
— **Quién vive?**
— **Madero?**
— **Que viva!**
Os ponchos e os sombreros
em cavalgadas por Villa.
Os rifles e as guarnições
em defesa de Herrera.
Vuela, vuela, palomita,
y di que Villa ha venido,
y di que Villa ha vencido.
Os álamos cinza-rubros

e os potros em galope.
(Artemio Cruz, moribundo:
dos suores da agonia
aos albores da infância:
toda a vida passada a limpo,
em contraponto lembrada;
cada crime revivido,
cada amor rememorado.
**Vuela, vuela, palomita,
y me transporta en tus alas...**)

FAUNA

Eurípedes Alcântara

A dançarina morena,
que lê livros em francês no ônibus,
em felina esquiva demonstra
ficar incomodada quando
a lavadeira gorducha e suarenta
despenca ancas e trouxas a seu lado.
A jovem dançarina
lê no ônibus com olhos
metálicos de sabiá.
Não com freqüência,
tem mansos ímpetos de ajudar
a velhota chata e ricaça
descer, subir, dar sinal, levantar.

A dançarina de olhos claros
lê.
No ônibus lotado, muitas vezes,
em arroubos de nobre enguia se compraz
de compartilhar com a lavadeira
o exíguo assento.
Outro dia,
lontra displicente,
torcia pra velha desequilibrar-se
cair e perder a empáfia.

Não sabia a íntima,
formosa de gestos,
que estava terrivelmente só.

Como um elefante.

POEMA INCERTO POEMA

Osias Ribeiro Neves

(do livro inédito «1º de Maio»)

Hoje faz dez anos
que Pedro se foi
e ninguém se lembrou.
Onde estará Pedro?
Porta já não assenta
e nem carrinhos conserta
telhado já não precisa
não chove aonde ele mora.
Pedro, você não se lembra?
Trabalhou aqui na construtora
dezoito anos seguidos
e não faltou um só dia
construiu mais de mil prédios
e deixou seus nove filhos
e sua mulher Mariana
sem teto pra se abrigar.
Não que ele fosse um sacana
ou coisa de se pensar
mas sempre ganhou tão pouco
e tanto foi explorado
que nem fazendo os «extra»

e ajuntando os «trocado»
conseguiu erguer seu barraco.
Hoje faz dez anos
que Pedro ajuntou a turma
falou algumas palavras
tentando arranjar aumento
e depois desapareceu.

PRIMEIRO POEMA PARA ISABELLA

Osias Ribeiro Neves

quando deste meu corpo
brotou a célula
a te compor fruto
e de mim se evadiu
a invadir outro corpo
suado e em gozo pleno
a te completar mulher
um fio de esperança
e felicidade
rasgou meu peito incerto
imerso na tempestade
ao te saber filha
mas uma dor tão estranha
tão nova e secular
novamente o semblante
entristeceu
dilacerando os sonhos
ao te saber num mundo
q'eu também arquitetei
e te entrego
ainda assim sempre
imperfeito
sujo doente e inacabado

Janeiro 1978

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A POESIA

Osias Ribeiro Neves

a poesia
é o tédio
que te entrego
a cada dia.
é um resto ruim de cachaça
gosmenta contida em garganta
e um grito sorrateiro
armado dentro do peito.
não tenho escolha amigo
é que o tempo anda feio
deserto e amasmorrado
forjando em cada esquina
um grito desesperado.
a poesia
é o tédio
imposto
a cada dia.
é o vôo ensaiado na tarde
interrompido por um projétil
e a boca quebrada sangrada
por mão inadvertida.
mas a desculpa não tenho
a não ser este silêncio

absurdo e desesperado
e esta submissão
a que estamos confinados
por essa nossa omissão.
a poesia
é o tédio
remédio
a nos aliviar.

Janeiro 1978

O PAPAGAIO

Maria Consuelo Porto Gontijo

O papagaio ficou mudo
retiraram do leão a realeza

mancharam o branco da garça

pescaram o vôo da águia

envelheceram a tarde

margens de silêncio sobre a
bicharada

o João de barro em desamparo

a selva sem acalanto

deram-lhe um puleiro de âmbar

uma corrente de ouro na perna

e ele não disse nada

o pouso não lhe é mais destinado
a palavra — liberdade

ele não soube conquistar

o papagaio apenas:

— prutaco — tataco

MUDO — perante a eternidade.

A TARTARUGA

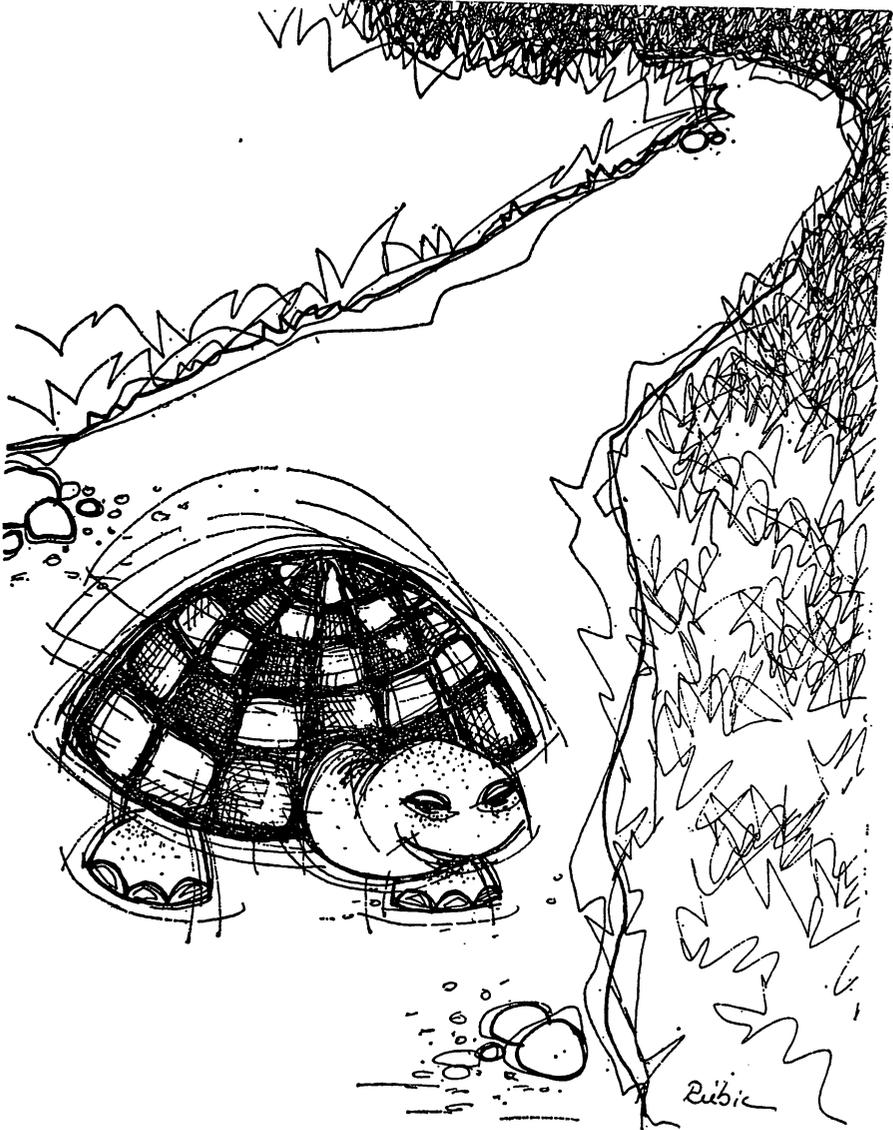
Maria Consuelo Porto Gontijo

um desgastar contínuo
e lento
que a vontade
firme
impõe
à estrada:

a tartaruga
mansa
incorruptível
no passo a passo
ante o tamanho
da estrada...

firme
mansa
a tartaruga
sem absolutizar
a estrada
sua obra
seu lento andar

firme
na reivindicação
de cada passo
a tartaruga
mansa
a palmilhar



serena
incansável
seu quinhão
de estrada
firme
mansa
sem direitos
a impacientar-se:

a caminhada
começa
e continua
na pequenez
de cada passo.

O VAGALUME

Maria Consuelo Porto Gontijo

sei lá
de que cantão
do mundo
vem
o vagalume
com seus beirais
de várzeas
e luz

o escuro sufoco
é chão
de muito caminhar:

o desconforto
de olhos famintos
onde a solidão
aperta
seu triste lamento

o imperdão profundo
da dor
quando o dia se perde
no trágico
de seu tempo

oh, vagalume
não lhe coube
pleniluminar

vaga-lume
apaga-dor
da noite
a cumprir silente
seu anônimo
destino
a procura de frestas
em corações
embrutecidos
vaga-lumes
em época de glórias
a recolher o homem
amarrotado,
seu canto inglório
de vida.

ROTEIRO LÍRICO SENTIMENTAL NUM QUARTO DE PENSÃO

Ronald Claver

(o poeta está só. A memória flui mineral nestas paredes. A vida é desafio e sua reconstrução travessia.)

NESTE QUARTO A VIDA
SE FECHA NAS PAREDES
DA MEMÓRIA
EM DISSOLVÊNCIA O CORPO
SE CALA E PENSA
NA COMPANHEIRA FORA
DO ALCANCE
QUE GRAVITA NOS OLHOS
DEIXANDO NO LENÇOL
O CONTORNO DE SUA AUSÊNCIA

(o poeta lembra de um poema feito no bar, a 3
mãos: Patrícia e Élcio e tenta recompô-lo)

NAS MADALENAS MANHÃS
AS PEDRAS NÃO ME SURPREENDEM
PORQUE JÁ SEI DA DOR
E DO OFÍCIO DE CAMINHAR
ENTRE VÉUS E VERÔNICAS

(«a fala é um risco», pensa o poeta. Ele tem em mente alguns poemas que nunca se desenharam no papel, mas registra seus títulos)

O CORAÇÃO É UMA ROSA DE VENTOS
O MAR É AZUL, MAS OS OLHOS SÃO VERDES
VOAR É NECESSÁRIO, QUANDO NÃO TEM ASAS
O MERGULHO É UMA FACE DA LIBERDADE

(o poeta sente a imagem da amada crescer em
sua ausência e rabisca uma canção lúdica e
lúcida.)

POSSO LHE CONCEDER O VERDE
A LINHA DO EQUADOR, O TRAÇO NO AZUL
O MAR QUE SE INSINUA, MAS
A NOITE QUE NOS SEPARA NÃO

CONCEDO-LHE AS DIREÇÕES
OS ROTEIROS, AS ROTAS, OS VENTOS
A PAZ QUE SE ANTECIPA, MAS
O SILÊNCIO QUE ME EMUDECE NÃO

POSSO LHE CONCEDER OS PÁSSAROS
OS RISCOS DO VÔO, O NAUFRÁGIO DA NOITE
A AURORA QUE PRINCIPIA, MAS
O MEDO DOS CORPOS NÃO

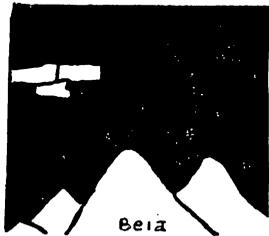
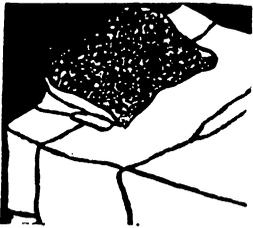
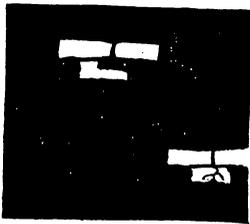
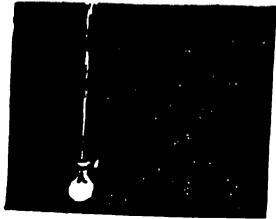
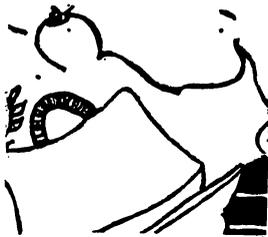
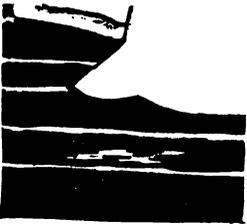
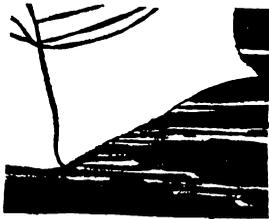
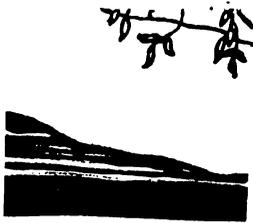
(a mulher amada vai aos poucos se concreti-
zando no limbo dos lençóis)

TEU CORPO SE ESGUEIRA
FUGITIVO NAS DOBRAS DO MEU

TE QUERO TERRA, HORIZONTAL
PALMILHANDO OS PALMOS DE MIM
QUE TE PLANTEI MULHER

(o poeta vê mariana crescendo nos olhos, no
ventre da mulher amada e registra alguns versos.)

O MEL DA NOITE
SE BEBE MINERAL
NESTAS PEDRAS MARIANAS



MARIANA AINDA É LINHA
QUE SE TRAÇA NO PERFIL
DO CORPO

UM DIA MARIANA VAI AMANHECER
E ME MADRUGAR

(mariana é Amélia, Maria, Sandra, Flor ou Ana.
os nomes se revelam mágicos e o poeta tenta
desvendá-los.)

:

maria amélia é de carne e osso
e seus olhos ficam na gente
como aquela aragem que corre
os cabelos

:

e sandra é uma longa história
contada sempre nos olhos perplexos
sandra gosta de olhar as palavras
e do ofício de ficar quieta
imaginando coisas
por isso seu coração imagina férias
sandra é uma história bonita
que não acaba nunca
e se fecha entre os braços e perscruta
a enorme realidade que existe
entre nós
sandra sabe dos segredos e das frestas
quem nunca viu sandra não imagina
o que é mistério.

:

quando flor e ana floresce matinal
navegando manhãs e segredo de flo
ra e mar este corpo inventa o amor
que é pássaro e viagem. quando ana

no brilho dos anéis, no mais no
menos, percorre claro o sorriso na
vegando violetas e cravos este cor
po primavera o amor que é sede sei
va e sumo. e quando ana renasce i
tinerante este corpo se lança de
sol a sal na esperança de paisagem
e ana se guarda em fugas e anti-
fugas

:

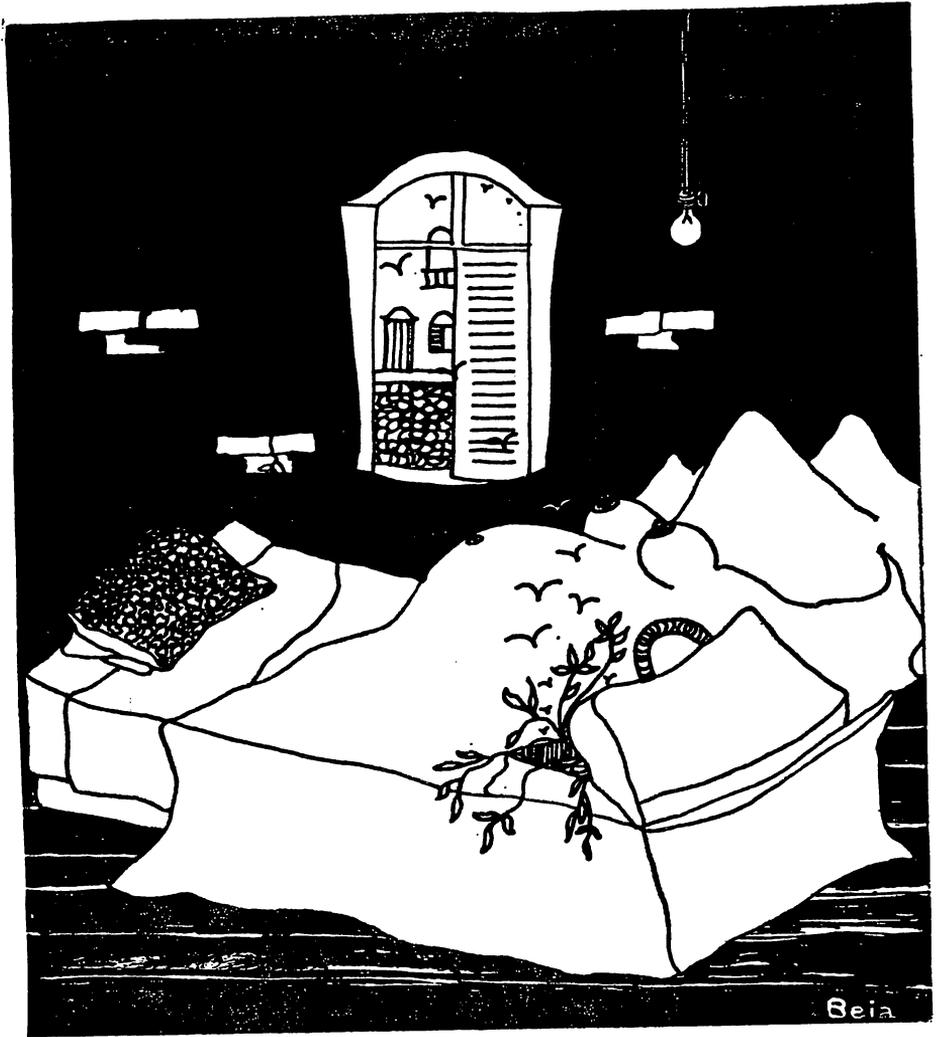
(a idéia do filho se firma e flutua no ar, no
ventre, como o vento da liberdade e nasce um
acalanto)

ÉS UM NOVELO A DESFIAR
FIO POR FILHO A VIDA
QUE SE CUMPRE, A VIDA
QUE SE ACUMULA, NOS DIAS
E NO CORRER DA NOITE QUE SE
TECE, NESTE TECIDO QUE É SEDA
RIO, AREIA. ÉS UM GRÃO, UMA
SEMENTE QUE SE INICIA
NO VENTRE, NA PRAÇA, NO CLARÃO
DO DIA, NOS DEDOS QUE SE CONTAM
NO ROSÁRIO QUE SE FIA

(o poeta vai à janela e vê seu coração entre
ruas e automóveis e escreve versos populares.)

MEU CORAÇÃO DISPARA
NESTA PRAÇA
ATRAVESSANDO A MULTIDÃO
SEM JUÍZO E HUMILHADO
ACABA NA CONTRA-MÃO

MEU CORAÇÃO É BÍBLICO
NÃO SE IMPORTA COM RELIGIÃO
NÃO TEM CASA OU BANDEIRA



Beia

FUZIL OU MUNIÇÃO
QUER APENAS FICAR PATÉTICO
LÍRICO EM SEU CORAÇÃO

(o poeta tem outra versão deste poema:)

MEU CORAÇÃO PENETRA NESTA
PRAÇA
ATRAVESSANDO A MULTIDÃO
SEM MEDIR OS ROSTOS, OS RESTOS
MEU CORAÇÃO SEM JUÍZO
ANCORA NO GESTO LÍRICO
E MÚLTIPLO PARTE
ENTRE RUAS E AVENIDAS
ATRAVESSANDO SEMPRE
O SINAL VERMELHO

(o poeta volta ao quarto e o vê com espanto.
Registra, então, versos sem sentidos, desorga-
nizados. com raiva)

DEUS ME OLHA COM OLHO ESQUERDO
COMO SE A VIDA FOSSE A FECHADURA
DA PORTA
OU A JANELA QUE SE ABRE NOS OLHOS
REVELANDO A PAISAGEM
INTERIOR
MAS NESTE QUARTO A VIDA É UM RELÓGIO
MUDO QUE BATE NO PEITO
E ABAIXO DO EQUADOR A FAMÍLIA
MINEIRA RUMINA PROSAS
PASTA RISOS, COMBINA CHOROS
NUM ROTEIRO DOMÉSTICO
MAS O POETA SABE QUE O AMOR FERRE
QUANDO É PRECÁRIO O GESTO
E AUSENTE O CORPO
E QUE ENTRE A FALA E A ESCRITA
O HOMEM

É UM ESPETÁCULO CONVOCANDO
AS ILHAS

(o poeta vê algo brilhando em cima da escrivaninha, um relógio, uma caneta, um revólver, as coisas zombam do poeta. ele teme.)

OS OBJETOS EM SUA APARÊNCIA PASSIVA
OCULTAM DO HOMEM SUA AMEAÇA
OS OLHOS NÃO PERCEBEM SEU PODER DE SILÊNCIO
E DE MÚSICA FLUINDO FERINA NOS TÍMPANOS

(o poeta está cansado, mas palavras povoam o quarto como duendes. o poeta resolve ir embora, mas deixa escrito no forro da mesa uma tentativa de poema:)

O MERGULHO É UMA FACE DA LIBERDADE
O MERGULHO É UMA FACA DA LIBERDADE
O MERGULHO É UMA FARSA DA LIBERDADE
O MERGULHO É UMA FOICE DA LIBERDADE
O MERGULHO É UMA FRASE DE LIBERDADE

(o quarto é neblina, vaga onda, contorno. O poeta encontra patrícia e élcio e conta do projeto do livro, das madalenas manhãs. das transversais. Os amigos contam o poema, o que faltava.)

NAS MADALENAS MANHÃS
AS PEDRAS NÃO ME SURPREENDEM
PORQUE SEI DA DOR
E DO OFÍCIO DE CAMINHAR
ENTRE VÉUS E VERÔNICAS
SUPORTANDO O PECADO
DESTE FOGO QUE O CORPO
GERANDO VERÔNICAS
NA FORÇA E NO FORCEPS

(o poeta está na rua, no centro do dia, da praça. Vê de longe a pensão e pensa nas paredes do coração, esse violento coração que se debate nos corpos. E segue em frente sem olhar para trás.)

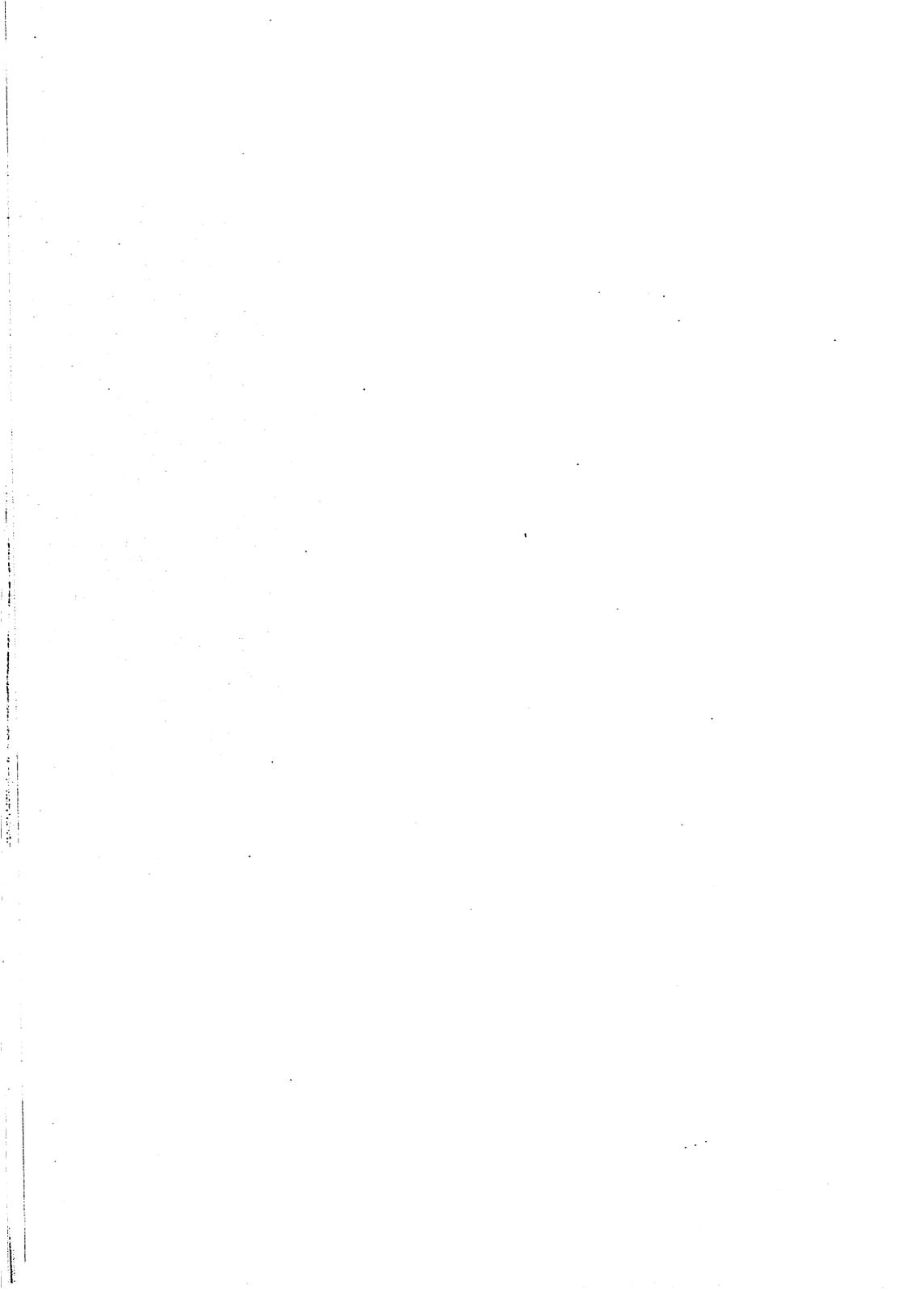
:

refazer a vida é tarefa
nestas manhãs madalenas que invadem a memória

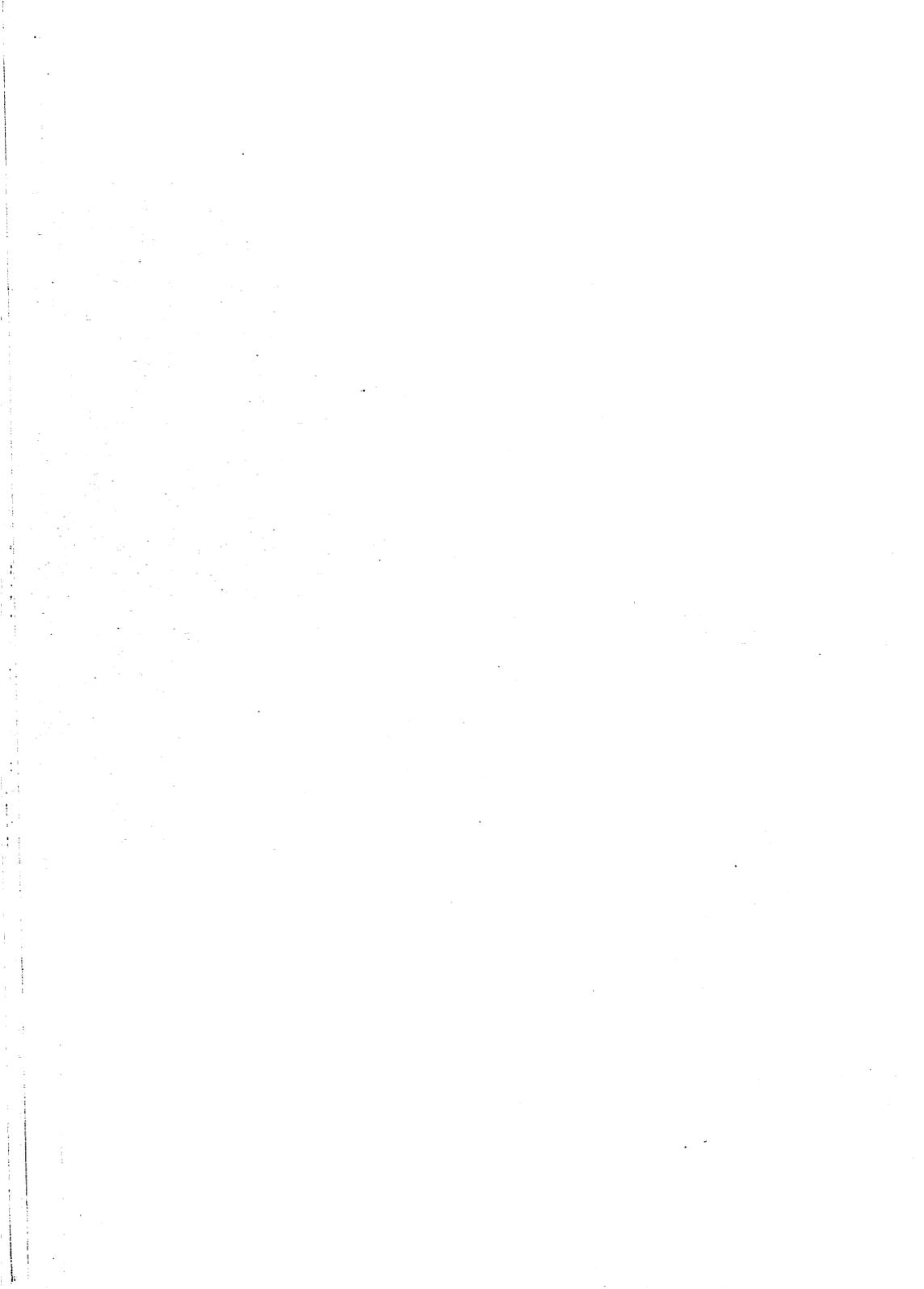
o quarto é desenho abstrato
moldura deserta
projeto
linha de arquiteto
solução
sombra ondulante nos olhos, nos corpos
copo vazio
papel rasgado
toco de cigarro, vísceras
pigarro

o quarto é papel passado
livro de registro
lençol configurando a ausência
a linha do corpo, o perfil
da mulher, sua presença
neste coração transgressor
de águas e mágoas

e quando as janelas estão fechadas
é preciso doar este coração que
quer ficar ficando em madalena
se queimando no pecado, na lenha, no fogo
destas pedras
destas manhãs madalenas.



CONTOS



HIPOCONÓIA

Arthur Lopes Filho

Mário Cunha mostrou a língua. Trinta e três. Dói, não dói. Respondeu sempre pacientemente. Tirou chapa do fígado e do pulmão. Fez todos os eletros. Até exame de esperma. Seu cocô tem cheiro «sui generis», informaram. Visitou terrenos. Tomou chá de Quebra-Pedra, de Bosta-de-Boi, de Angelim-Amargoso. Bebe que é bom — ouviu sempre. Sempre paciente o Mário Cunha. Faz cinco anos que anda nestes dilemas. Já gastou toda a herança da avó. Agora veio o diagnóstico final: é mais são que um bom cristão. Perdeu a paciência: ou estão me perseguindo ou sou uma besta. Como não conseguiu se acostumar à idéia de ser besta, ficou convencido de perseguição. Contratou capangas. Construiu uma fortaleza. Comprou carro blindado. Colete-à-prova-de-balas. Cismou que punham formicida em suas cuecas, deixou de usá-las. Cismou com veneno no sabão, abandonou-o. Cismou que seu cachorro ficou doido, mandou matá-lo. Cismou com as mulheres, proibiu-as. Cismou da lua cair em sua cabeça, aboliu-a. Diversas cismas. Muitas perseguições. Depois do tratamento melhorou, o psicanalista ajudou-o muito. Convenceu-se de que é besta mesmo. Já até passou a cair no Conto do Vigário.

ARRUL

Arthur Lopes Filho

Estávamos todos à mesa quando chegou o general britânico portando espada competente e dizendo ARRUL, ARRUL... Não conhecendo a palavra ninguém se importunou. A comida saborosa e o ARRUL do general, fez lembrar um filme de índio assistido há tanto que o mais velho era menino. Não ficava próprio para o general britânico falar ARRUL e portar espada competente. Ninguém achou bonito ter o general se irrompido sala a dentro à hora da refeição. Guisado de carneiro e ARRUL não se combinam. Pedir ao general britânico para sair, não era possível. Havia a sua espada competente. Afinal não ficaria próprio. O jeito foi comer guisado e deixar o ARRUL do general britânico flutuando no ar. Se não estivesse de espada competente, passaria apenas por um mal educado. Mas sob a proteção de S.M. Britânica, o seu ARRUL não poderia ser tratado de qualquer maneira. Devia ser uma forma nova de se impor. De se fazer notar. De se fazer respeitar. Até de trazer um certo medo. ARRUL, ARRUL... Quase alguém perguntou a ele se aceitava guisado de carneiro. A sabedoria às vezes ocorre a todos. Ninguém perguntou. Foi melhor. Após demorados ARRUL, ARRUL, saiu porta a fora como havia entrado: sua espada competente balançava e quase o impedia de andar.

A NOITE COAXAMOS

Dulio Gomes

(para tia Carmita, que achava graça nos meus contos: com o meu amor)

Depois do jantar a mãe recolheu os pratos e o pai ligou a televisão. O menino limpou a boca na manga da camisa e foi para a varanda. Ficou olhando o fundo escuro da noite, além do alpendre e do jardim. No céu, apenas algumas estrelas. O inverno começava. Como era filho único, o menino se sentia solitário. Gostaria de ter muitos irmãos e adejar pelos campos, no verão, como um deus do calor e da preguiça. Às vezes sonhava que liderava um bando de crianças ruidosas. Mas acordava sempre sozinho em seu quarto junto ao solitário esplendor da manhã.

Desceu as escadas do alpendre, abriu o portão e ficou parado junto ao muro. Atrás de si, o murmúrio da televisão e as painéis entrecrocadas na cozinha. Na frente, o túnel escuro da noite com o ruído errante dos insetos. Moravam na periferia da cidade, bem afastados de todo mundo. Para ir à cidade desciam a pé meio quilômetro e pegavam o coletivo no seu último ponto.

A noite ardia de insetos e escuro. E o menino começou a caminhar dentro dela. Lhe dera uma súbita vontade de caçar rãs, era um passatempo a que se entregava com prazer. Às vezes o pai ia junto e voltavam rindo, carregados de moles rãs esperneantes.

O menino, apesar de sentir frio, enfiou os pés descalços na lama, andando ao longo do riacho. Arranhava-se nos espinhos, sem perceber, abaixando a cabeça quando os galhos das árvores

eram baixos. Ali era o paraíso das rãs, o ninho esponjoso dos girinos, a casa aquática de deliciosos anfíbios que ele agora sentia pulando entre seus pés com suas línguas retráteis, suas frias coxas enoveladas. Palpitava em tudo o eco dos coaxos. Lindezas, pensou o menino muito contente. Agachou-se, puxou uma rã pela perna. Solto-a de novo. Pegou outra. Tinha muita técnica, talento e arte para pegar rãs. Era o seu esporte favorito. E único.

Segura pelas patas posteriores, a rã se debatia em seu peito, espargindo lama e intervalados lamentos. Então o menino sentiu. Foi muito rápido, coisa de um segundo — um silêncio de sombras, um vazio em repouso, uma luz magnética como um caldo, uma pressão de elevador chegando ao solo. A rã saltou de sua mão e na sua frente, não muito perto, mas na sua frente estava a coisa. Era um prato de metal do tamanho de um carro com uma clara luz azul e um ruído doce de motor. Parecia um bicho pastando com inocência, ruminando. O menino não sentiu medo, apenas curiosidade. Sabia o que era aquilo. Era um disco voador. Recebeu paralizado a corrente de luz e frio. Seus olhos brilharam no escuro, ele podia perceber, brilharam cheios de radiação. Alguém tentava lhe passar uma mensagem. Ele não entendia bem o que era, mas era uma mensagem, térmica, cifrada, carregada de tensão. O menino não podia tirar os olhos da coisa que agora se movia em sua direção. Então ele sentiu um pouco de medo, mas não muito medo. Dois olhos duros, adamantinos, o fitavam de dentro da coisa. Em sua volta não havia o mundo se manifestando. Havia a conspiração, o entendimento. Como a idade da sombra, uma coisa antiga enfumada de luz e gelatina, bronze e mercúrio, e ao mesmo tempo nova, muito novíssima. E então o encanto se quebrou, houve uma espécie de vácuo à sua volta, as rãs voltaram a pular e a coaxar, o mundo se mexeu, seus músculos se dilataram e o menino permaneceu na frente do nada com uma espécie de saudade e febre. Olhou em sua volta, para o céu. A coisa se fora.

Em casa ele contou com a maior naturalidade — vi um disco voador. Seus pais o olharam sem entender. E então ele

repetiu: vi um disco voador perto do riacho, estava parado na minha frente e brilhava. Era redondo, tinha motor e alguém dentro. Os pais balançaram a cabeça e se limitaram a sorrir. Agora vai dormir, meu bem, falou a mãe. O pai deu-lhe um tapinha nas costas — e vai lavar os pés imundos.

Como esse esse menino tem imaginação, comentou o homem para a mulher. Os dois sorriram e balançaram a cabeça. O homem desligou a televisão. Espreguiçaram e foram dormir.

No quarto, o menino levitava. Havia uma palavra em sua cabeça — **klyckoj**. A janela do quarto estava aberta. E foi por ali que.

CERCO FECHADO

Sandra Lyon

Os homens chegaram na chuva teimosa, deixando pousados no ladrilho os guarda-chuvas, dois grandes pássaros negros de asas abertas, secando. A senhora não sabe onde o rapaz está? Mas o olhar da mulher não ergue, continua atento nos pés, enroscados nos chinelos. Vieram apurar uma questão de assalto a banco — não vieram?

Chegaram cedo, os homens. Vasculharam toda a casa, teimosos e insolentes. Não, não tinha arma em casa, não reconhecia nenhum daqueles das fotografias. Não e não. Até quando, meu Deus? Revistaram tudo, esquadrinhando canto por canto, voltaram de mãos abanando — não voltaram?

Depois, foi como se desse para escutar o medo: a mulher ficou um tempo de respiração trancada, depois desatou a chorar, e, agora, soluça. Range os chinelos no assoalho caminhando em direção ao quarto do filho. Da gaveta, retira a colcha de retalhos, cheirando a guardado, e arranja a cama com as mãos envelhecidas e trêmulas. Sobre a cama, coloca roupas, calças e camisas, dobradas e empilhadas, pente e escova de dentes, documentos. Ajeita, embrulha, colocando tudo numa sacola de papel. Então, atravessa o quarto diversas vezes sem saber o que fazer desse dia e de todos os outros, daí por diante.

Ele não vem, talvez não venha nunca mais. Vontade de ficar assentada na cozinha, ir para o quarto ou continuar a girar inutilmente. Mas, quando ouve passos e depois o barulho da chave na porta, e aqueles olhos espreitantes, compreende que somente então ele está chegando. Quer perguntar: o que foi, meu



filho? Entreolham-se, falam baixo como se estivessem em casa alheia. Como se não fugir significasse resistir.

Ela sabia: as más companhias, as madrugadas misteriosas perderam o seu filho. Ele é bom rapaz e por isso prefere que fuja, que não volte nunca, prefere qualquer coisa a vê-lo preso, maltratado. Através de cômodos estreitos, acompanha-o até o quarto, mostra-lhe tudo pronto: fuja, diz num gesto entrecortado.

Lá fora, é sempre o mesmo: homens metidos em seus uniformes de lei perambulam pelas ruas como mortos. E apontam seus revólveres para todos — bocas de fogo esperando com raiva — mesmo para as mulheres da noite que caminham trôpegas e sonâmbulas como cães vadios e de costelas à mostra, escarafunchando melancólicas latas de lixo.

Ali, pelo vão da janela, através da sala escura, a mulher vê a rua e o rapaz, como gato cauteloso, de orelhas baixas e unhas recolhidas, que se dilui fácil na boca da sombra da varanda. E quando um vulto miúdo galga o muro do quintal, ouve-se apenas disparos secos e um baque surdo do outro lado. E aquele desamparo solto toma conta do coração da mulher cujos lábios tremem como os de uma criança que vai chorar.

Não, ele não estivera ali, não, ela repete com o olhar perdido. E aponta a mesa posta para o jantar. Os rostos duros dos homens não se alteram. Tomara ele possa voltar um dia. Ele é bom filho, balbucia, enquanto saem batendo a porta. O que sobrevém não é paz, alívio ou medo. Um desejo liso e profundo de dormir. A espera acabará por anoitecer aos poucos em seu sangue.

SAI DIA, ENTRA DIA

Eunice Dutra Galery

Bom dia, seu Eugênio!

Bom dia, mau dia, que interessa que seu Eugênio tenha um bom dia ou mau dia? Meia-verdade sabor mentira que se usa a todas as horas do dia, vertira, mendade? Qual mais mentira, qual mais verdade? Será que o princípio influi sobre o resto? Vertira, dois terços mentira, parece mais verdade que mendade, dois terços verdade? Desde menina a mania de brincar com as palavras, filhote de minhoca e borboleta, se voa, é borbonhoca, se não, é minholeta. Sempre o princípio tendo mais peso que tudo, arrastando para o chão ou dando asas... Vertira, mendade, vida de cidade, vidicidade, mendicidade: tropeção em palavra existente gritando de fome na boca da rua, batendo campainha, insistindo, insistente, descendo do morro, mentira de cidade.

Mendade, vertira, tira, tiras, pedaços, coração em pedaços, mendade, maldade, mentira, palavras rolando ocas, cavidades, cavidade bucal, cavidades auditivas, vazios, ocos, aberturas por onde entraram mendades doídas, decepções, vertiras.

— Boa tarde, seu Eugênio, ainda! Volta para casa, dia de trabalho cansado, televisão, novelas, mendades disfarçadas, filmes policiais, mais filmes policiais, vertiras, horas-vida passando, tempo comido, digerido, expelido, bagaço.

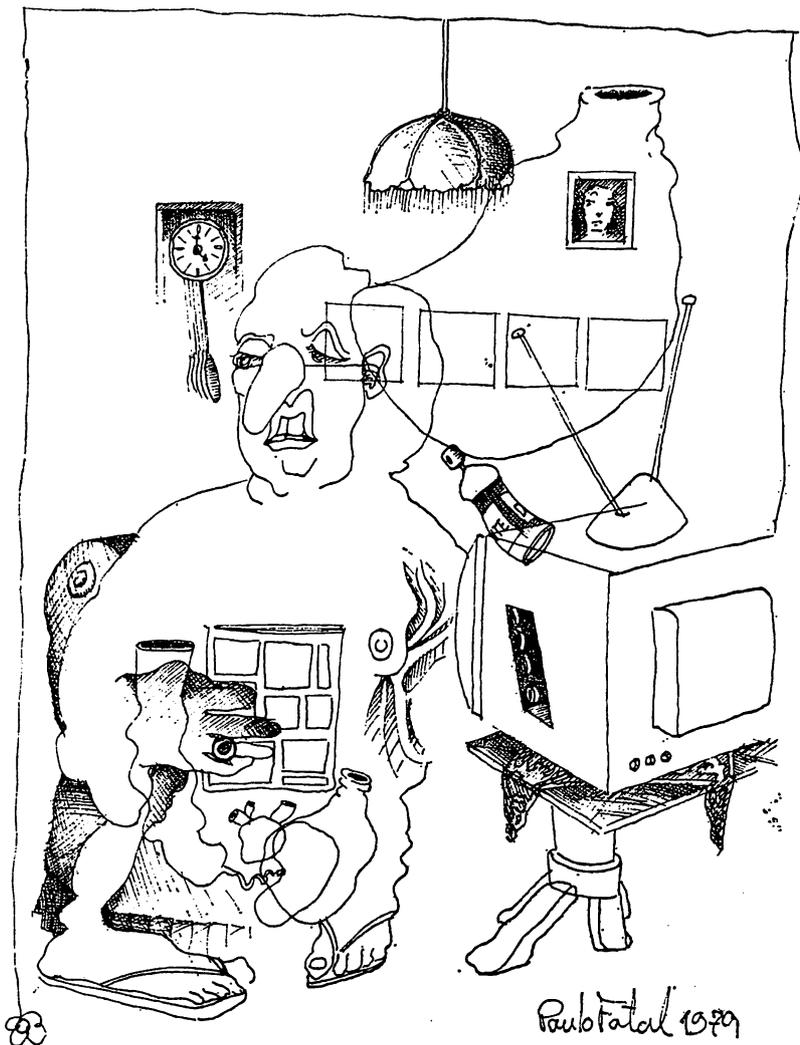
Seu Eugênio, cotovelos ligados à janela, sem função que não a de olhar, faz um com a madeira, será que tem o resto do corpo ou tornou-se centaurojanela, centaunela, sentinela, olhos caindo na calçada, rolando atrás de quem passa?

Doído cansaço de um dia de trabalho atrás do balcão, sim senhora, temos meias número sete, a senhora não quer ver as calcinhas que recebemos, são a última novidade, olhessa aqui, maliciosa, com um sinal verde, tem outras, muito engraçadas, engraçadinhas, engraçadíssimas, na verdade não têm graça nenhuma, pura safadeza, será que alguém tem coragem de usar uma porcaria dessas, mendade, posando de moderninha, lá no fundo o coração de Virginópolis, a moral de Virginópolis ber-rando senvergonhice, safadeza, povo sem compostura, não, não senhora, anágua combinando não tem, mas tem sutiã, quer ver? Pode experimentar ali na cabine, meu Deus, será que vou ter de dar palpite, dizer que está ótima, essa dona gorda, es-premida em biquini e sutiã dois números menores, está sim, excelente, mendade, vontade de vomitar só de ver, essa mulher não se manca? Será que vai se exhibir pro marido, com essa cal-cinha ridícula de sinal verde, sutiã idem, celulite sobrando na barriga, nas coxas, nos braços?

Escutou a vertira da cidade, prometendo melhor vida, trem cantando vem-não-vém-vem-nãovém,sereia apitando veeeeeeiiiiiii-iiimmmmm! Foi.

Aos dezoito anos atrás do balcão, sonhando fotonovelas, moço bonito charmoso simpático inteligente e rico, paixão à pri-meira vista, dezoito anos, quem dá mais, quem dá mais? Aos vinte e cinco, quem dá menos, quem dá mais, trinta anos, quem vai levar, trinta e cinco, leva, seu moço, tá baratinho, fotossonho transformado atrás do balcão, ambição única de ser caixa, junta as moedas para fazer o depósito, mas teve a operação da mãe, a morte do pai, teve o namorado que sorriu, prometeu e sumiu, o quase noivo com quem dormiu, o enxoval começado e reven-dido, liquidado, leva, seu moço, tá baratinho, vale qualquer oferta, quarto de pensão, flor de plástico, as de verdade murcham depressa, custam caro, babados na mesinha fingindo pentea-deira, viu na revista americana, babados na cama, babados na cortina, o Buda de louça dourado ganho no amigo-oculto da loja, diz que dá sorte, na carteira os três bagos de romã do dia de Reis, retrato de papai-mamãe pendurados no espelho, cartão da loteca, ganhar muito dinheiro, ir aos States, montar uma bu-

tique sua, só sua, o pote com os trocados, a caderneta de poupança, um pouquinho só de cada vez, cada mês, onde estão os coelhinhos, nada de coelhinhos, voltar a pé da loja, mexa-se, economize os trocados do ônibus, no dia seguinte os pés inchados,



doloridos, insuportáveis no fim do dia, mulher que é mulher anda vinte quilômetros por dia e ainda ajuda o marido a trocar a lâmpada, que marido? Lâmpada, ela mesma tem de trocar, sempre teve, o fio escorrendo nu do teto, agora escondido numa guirlanda faça-você-mesma, mãos de fada, papel crepon rosa antigamente, a lâmpada envolvida num abajur das Lojas Americanas, acrescentado de outra guirlanda na beirada, tão jeitosa, leva, seu moço, tá barato! Sonho minguando, vertigem, vertira, Cinderela ao contrário, a carruagem vira abóbora, que saudade do doce de abóbora que mamãe fazia, açúcar engorda, açúcar dá energia, conserve a esbeltez tomando leite desnatado, sempre cabe mais um quando se usa o que m... , que o ônibus passou lotado, nem diminuiu a marcha, os cabelos brancos insistindo em aparecer, o xampu que lava colorindo dando um tom vermelho assombrado, caspa, eu?!

Mendade, miragens, dia-vai, dia-vem, seu Eugênio na janela, pés cada dia mais doídos, boa tarde, seu Eugênio, subir para o quartinho de babados, alívio, tirar os sapatos, espichar na cama um pouquinho, antes de comer o prato guardado no forno, quase frio, sentar na sala, rolinhos na cabeça, creme no rosto, nos cotovelos, nas mãos, ver televisão, lágrimas no canto do olho, coitadinha da moça, sofrendo tanto pelo seu amor, e os anúncios. Mendades, vertiras, prometendo, planeje conosco esta viagem, o creme hidratante que devolve a maciez à sua pele, seja mais feminina usando o desodorante da mulher, a loja que vende barato de verdade, compre em doze prestações e só pague dez, se o Serviço de Proteção ao Crédito permitir, emagreça, fume o cigarro de quem sabe o que quer, engorde nos lugares certos, use a cinta que emagrece e é unissex, tomou na casa dos outros e gostou, hem? Compre o tapete que faz a gente feliz, recomeça a novela, cenas dos próximos capítulos, mais anúncios, filme, são dez horas, o cansaço não permite mais continuar, volta ao quarto de babados, dentro da camisola de náilon ainda sonha um pouquinho, reza, sonha com o caixa, trabalhar sentada o dia inteiro, maravilha, dorme, recomeça, bom-dia, seu Eugênio! Vertira, mendade.

AS TRÊS JUREMAS EM RITMO DE DESENCANTO

Ana Maria de Almeida

Jurema Benvinda está aprendendo a ler e a escrever, às vezes, mais parece que as palavras é que a escolhem, de condão, tumultuadas e magas, descerrando neblinas. Ou que é o livro que lê Jurema. O livro posto à frente, em gesto insólito de ritual, Jurema repete em transe o que ele conta: coisas e coisas, desligadas de mundos e horas, ventanias, auroras, esquecidas paragens. O que, para além dela, nunca a tivesse esquecido — até parece. . . Jurema não sendo mais do que se escapasse da cordata figura feita para ordens e obediência ?

Mostraram a ela o dicionário, ensinaram seu manuseio e uso, as repartidas idéias condensadas, comprimidas como molas, que de repente se avolumam caudalosas, de roldão tão cabíveis ali dentro, resumidas e resumindo? Quase um despropósito! . . . Jurema, na primeira vez, olhou muito, em meio receio e respeito, o bloco marrom e verde, de tantas páginas. Nem quis pegar — como se, bíblico, vetusto, o livro parecesse coisas de só segredos, cochichos, altas falas — coitadinha dela! «Deixa de ser boba, Jurema — riu, de professora improvisada, Nianá patroinha — até seu nome tem aqui. . .» E leu:

Jurema branca
marginada
preta

Branca marginada preta. Ela susteve o fôlego, assustada: seu nome quase um remoto apelo, pessoa falando de muito longe. Mas aceitou humilde a glosa, entendeu sem entender muito as três figuras; nem tão preta assim ela era! A trova mesmo dizia: branca marginada. Imaginada? Não importava, gostou demais.

Jurema branca
Jurema marginada
Jurema preta.

Ficou mais alada, cantou muito, quebrou dois pratos no jantar, recebeu xingos complacentes e descrenças de que ela mudasse nunca algum dia e fosse mais atenta. «Cabeça-de-vento», falou Nianá. «Tem importância não» — Jurema pensou com reticências, solzinho de conforto e orgulho: não é que até ela? O dicionário que contasse. Uma cantiguinha: Jurema, Jurema, Jurema... Chamando. Ela quis ver com seus olhos, decifrou:

Jurema branca (mimosa jurema alba)
Jurema marginada (mimosa burgonia)
Jurema preta (acacia jurema).

O livro sabia, sabe? Alguém pegara seu desfazer-se-de-conta no ar do mundo e gravara em letras miúdas. Confusas. Mas aos poucos gostosas, soando de cor o que só ela sabia. Nem Nianá descobriu! Jurema não mais se separou do livro, levou-o para o quarto, folheia-o de vez em quando muito. Se alguém precisa dele, tem de pedir licença, tem de gritar: «Jurema, Jurema, Jurema...»

Quando larga as serviçamas, Jurema o segura com cuidado, escolhe palavra, liga frases que escreve em letras espalhadas em artísticos borrões: «O lago é emenso, enorme. Deslumbrei o epalto. Eôo, eões, epagogo.»

Fica espantada olhando os garranchos, o que o livro lhe sussurrou, mas depois se acostuma, a boca se ri toda num orgulho amplo. Jurema: além do perfil de bicho manso, da pele quase muito escura, do nariz achatado. «Jurema!» — diz para si mesma, em expectativa diante do espelho. Entrança os cabelos finos, pisca muito os olhos, onde navegam brumas e uma ternura úmida. Tal assim, Jurema! Nianá censurou as distrações, falou ensaiando-se mestra professora: «Ninguém não sabe o que é eôo, eões, epagogo, etc., etc. Você parece burra! E é imenso, i-men-so... «Jurema sorrindo para dentro de uma graça que só ela soubesse — e gosta do «etc., etc., etc.» — repetido. Pois então!? Ela se rebela afoita: «Jurema branca, Jurema marginada, Jurema preta... Está lá! Nem não fala niana — nianá...»

Nianá ri, quase entendendo por um fio a fresta: «São nomes de árvores, Jurema, as acácias... só coincidência, entendeu? Você não pode pegar as palavras como se fosse dona. Você tem de ligá-las com alguma coisa que a gente pega, ou vê — com as coisas, sua tonta!»

Ela sai para o quintal, entristecida. Então era isso, alguém ou algo para lembrar? Dolorido, doendo. As acácias eram apenas as árvores? As brandas árvores ao amanhecer tocadas pelo vento. Um pouco de vento, um pouco de perfume, pétalas amarelas de alcatifa e alfombra. A menina surgiu de repente lembrada, depois ficou devagar no vento nos cabelos, nas pétalas caindo, no lusco-fusco dos olhos pestanejando uma lembrança funda. A menina corria pela estradinha, alguém chamou dentre as árvores. Ela pensou que fosse o primo, parou rindo, e o coração quase também: o homenzão, homenzarrão, cara de preto assassino. belzebu. Quis fugir, gritar, morrer. O homem a apertava muito, e as copas tão altas das árvores, ninguém não vendo. Ai, meu-Jesus... Tudo tão distante... Fechou os olhos e pensou apenas no barulhinho das folhas, desanimada. Depois ela limpou a saia, enxugou os olhos e esqueceu. Nunca ninguém soube, nem ela...

Acácia jurema — como se ela não tivesse desencoberto nada de nada; coisas tontas! Ela sacode a cabeça com desprezo, depois com pena. Uma brisinha brinca que brinca nos emaranhos de sua cabeça: Nianá perdoasse — era mais uma vez, durável, a alba burgônia nos seus mistérios. «Etc. etc. etc.» — ela pensa hieroglífica. Um bailado delicado levanta folhas amarelas do chão, movimenta árvores floridas, ondula as águas do rio. «Etc. etc. etc.» Jurema segura o gato que ia passando silencioso, acaricia seu pêlo macio. Murmura, contando: «Bommoço, quer passear? Que será que não será? Vamos ao rio, à fonte. Bondoseiro, bondoso. Vem a corcel, progredindo-se. Fica quieto, bicho rabioso, pândego. Vem a corcel, cavalo grande, leva nós, a gente conosco canta, promete... etecétera, etecétera».

Aos saltos, Jurema sai cantando alto para Nianá ouvir: «branca marginada preta». Só ela sabe, o livro contou nas letras miúdas, entrelidas. Ninguém nunca não soube. Só que dentro dos

tracinhos o resto, maior segredo: «mimosa . . . alba . . . burgônia». «Coisas dela que nem ela sabe? Burgônia, begônia — ela rememora enfim, feliz. Coisas de plantinha caprichada, meio-flor, meio-folha, dada em vasos, fina. Mimosa . . . alba. Jurema interroga o dicionário: «delicado, brando, suave, deleitável». Algo de muito dengue, ela sabe. Dá uns passos de dança diante do espelho: mimosa . . . alba . . . à espera do Bom-moço . . . A espera, entre o antes-nunca-vindo e o estando-sempre-por-vir. Fica tristezinha de novo repente: aquela tristura que dá até preguiça de viver?

Dolorido, doendo. Bom-moço fora ao pagode com ela mais Nianá. Jurema tem um pequeno assomo de raiva — Nianá, o moço da cidade, se rindo dela? Os dois, nenhum, ela tinha podido imaginar! Bonito, bondoso, ele falara: «Jurema - você - é - uma - alminha - suave». Suavinha. Mas ele se foi. Ela sonhou muito ele chegando a cavalo, levando ele e ela para um passeio na fazenda. O rio, a fonte. Tudo mentido, sem prazo. Ele veio, mas se esqueceu de tudo: a festa, a fala bonita. Só ficou de conversa miúda e agarrada com Nianá na varanda. Nianá o chama de Julho, Jú-li-o — mas era o Bom-moço. Quando Jurema foi levar café, na varanda, a mão dele estava nos cabelos de Nianá, a boca muito próxima do riso dela. Bom-moço não viu Jurema, nem o raminho de catinga-de-mulata, que ela espetou atrás da orelha, catita, dengosa. Nunca mais ele não viu Jurema. Nem ela quis mais: embrenhou-se. Só uma lágrima, depois esqueceu . . .

Jurema ri alto: «alba burgônia, etc. etc.» Não achou ainda o que seja alba, ou fôsse, mas não importa. Por entre os ramos, a nesga infinita de azul. A mimosa jurema. Que só ela percebeu, etc., etc., Quando alguém ralha com ela, ela fecha os olhos, e o bailado volta suave de perfume e flores. Ninguém entende: pensam que é má-criação dela.

De noite Jurema Benvinda reza diante do oratoriozinho. Branca marginada preta. Que coisas pede? Um príncipe trabalhador com corcel e pratos, eões e epalto. Cavalgando nuvens, drástico, turgimão.

Acácia Jurema, inatingível. A Santa escuta com atenção e uma pontazinha de malícia no olhar bondoso de gesso.

PROBLEMA DE FAMÍLIA

Plínio Carneiro

O botequim era pequeno demais para tanta gente naquele domingo quente de janeiro: um entra-e-sai de pessoas suadas, apesar da hora — tinha acabado a missa das 8 e a multidão se arrastava na praça defronte a Matriz, parando aqui e ali para dois dedos de prosa antes de mudar a roupa domingueira.

O botequim era apenas um bequinho, espremido entre a loja de tecidos e a agência dos correios: era o copo-sujo dos rapazes que iam comer almôndegas com cerveja, era o cu-sujo dos bêbedos das madrugadas. E era o ponto de encontro dos velhos moradores de Santa Teresa, o último ponto de encontro num raio de cinco quilômetros, o bairro coalhado de edifícios, discotecas, apartamentos.

Era lá, no Café Caruncho, que a velharia do bairro se reunia das 4 às 6 da tarde, para um papo interminável, um «lembra-se» que não mais se acabava — as estórias escorrendo soltas entre arrotos com cheiro de cerveja, bolo de feijão, torresmo e cachaça. Aos domingos, os velhos arranchavam no botequim às 8 horas da manhã e só saíam às 18 horas, para a última missa.

Era lá que Tio Nominato, velho ranzinza, casado com Tia Petrina, tinha cadeira cativa. Era lá que ele desfiava suas estórias da fazenda, falando com orgulho dos 50 filhos naturais que havia feito nas agregadas. Barbudo, pachorrento, um eterno boné cinza cobrindo a careca, não se sabia como havia arranjado ânimo para tanto filho.

Todo mundo conhecia o Tio Nominato, isto é, todo mundo que freqüentava o Café Caruncho. E todo mundo conhecia o

ritual diário que cercava aquela figura de olhar adunco: às 4 horas da tarde ele assentava-se na pequena mesa ao lado da porta e começava a beber uma cervejinha e a comer os torresmos que o Parodi, dono do botequim, fazia no fogão dos fundos.

Às 6 horas, aparecia na porta do Caruncho a Tia Petrina: magra, pequena, cabeça branca, um xale preto no ombro, o vestido nas canelas e meias de lã. Chegava, não dava uma palavra, pegava o copo de Tio Nominato, tomava um gole, dava um pe-teleco no boné do marido e, como fazia há dez anos, saía lépida com seus olhinhos de águia.

Figura singular, a Tia Petrina. Aos 60 anos, desesperada porque o Tio Nominato não lhe dirigia a palavra há mais de vinte anos, tomara dois vidros inteiros de equanil, deixando um bilhete na cristaleira: «morro em protesto contra o meu marido burguês fedaputa». Não morreu, era uma velha forte, mas silenciou para sempre, ninguém mais ouviu a sua vozinha.

Quando começou a endoidar, ninguém sabia. Uma vez cis-mou que era barata e só ficava debaixo da mesa; depois sonhou que tinha virado milho e não ia mais no quintal, com medo de ser comida pela galinhada. Segundo Tio Nominato, tudo era influência do livro *Metamorfose*, de Franz Kafka, folheado na hora em que as novelas eram substituídas pela Hora do Brasil.

Os parentes que ainda moravam no arraial de Boa Vista lembravam-se da tragédia que colocou um muro entre os dois: as brigas começaram quando a Tia Petrina deu na telha de fazer um «tour pela Europa», sozinha, para gastar a herança do pai, com medo de deixar o dinheiro para o Tio Nominato. Voltou falando barbaridades de Paris, onde só encontrou velharia no Louvre e em Versailles: tudo muito velho, cheirando a mofo, preferiu gastar seu rico dinheirinho nos espetáculos do Crazy Horse e do Lidô. Isto o Tio Nominato nunca lhe perdoou, logo quando planejava comprar um apartamento na cidade grande.

Foi há dez anos atrás, todo mundo se lembra. Numa manhã de domingo, Tia Petrina saiu apressadamente da igreja, no comecinho da missa das 10 — havia esquecido o missal em casa (trouxera, no lugar do livro bento, um pequeno dicionário Francês-Português de capa preta). Encontrou o marido Nominato,

de 60 anos, na banheira com sua prima Zulmira, de 50 anos, ambos pelados, brincando de barquinho de papel.

Agora, na manhã quente de domingo, o Café Caruncho estava cheio de gente suada, muitos ainda vestidos com as roupas de missa. Na mesa ao lado da porta, Tio Nominato pensava na vida, enquanto bebia a cerveja gelada. Há dez anos fazia a mesma coisa, preferia ficar na rua do que agüentar aqueles olhos irônicos da mulher, frente a frente no almoço e no jantar sem dar uma palavra. Aliás, desde que mudaram para a cidade que só se comunicavam quando não havia outro jeito. O negócio era cada um para o seu lado. Mas ele tinha certeza que aquela velha caquenta o odiava, estava nos olhos dela.

As 11 horas, Tia Petrina apareceu na porta do Café Caruncho, interrompendo uma estória que o Tio Nominato contava para os três velhos de sua mesa. A velhinha entrou, tomou um gole de cerveja, comeu um pedaço de dobradinha e, como fazia há dez anos, tocou com a ponta dos dedos no boné do marido. Saiu para o sol, os passos miúdos, silenciosos, rápidos.

Tio Nominato voltou a conversar com os velhos e, ruminando um pedaço gorduroso de buchinho, tomou um grande gole da cerveja gelada. Era um rito antigo: um tira-gosto com pimenta e um grande gole de cerveja, o pomo-de-adão subindo e descendo, o estalar da língua no céu da boca, fingindo a viagem semi-breve de Vladimir Nabokov ao soletrar Lolita.

Naquele dia não houve estalar de língua para o Tio Nominato. Ao tomar o primeiro gole, ele sentiu na boca um gosto amargo de amêndoas. Afeito aos escritos da Agatha Christie, Tio Nominato tentou rejeitar a cerveja, mas ela já havia descido. Levantou o corpo magro, enfiou o indicador na goela e tentou vomitar. Era tarde, sentiu que havia bebido arsênico para derubar uma boiada.

Deu três passos, o estômago e a garganta contraídos, o rosto em fogo, os olhos saltados. Caiu de joelhos e tentou segurar o balcão. Sentiu um sufoco no peito, as veias do pescoço incharam de tanto esforço para respirar.

Ainda deu tempo de ver os olhinhos vivos da Tia Petrina, parada na ponta do passeio, as mãos eternamente cruzadas de-

baixo dos seios, o xale preso nos cotovelos. Ainda deu tempo de balbuciar um «filha-da-puta» rouco, audível apenas para os companheiros do Café Caruncho, aquelas caras espantadas reunidas como se fossem edifícios, lá no alto, fechando a luz. Morreu engasgado com um pedaço de dobradinha, sufocado com a pimenta.

ENSAIOS

SARGENTO GETÚLIO: LINGUAGEM E PODER

Wander Melo Miranda

O presente estudo, tendo em mira o texto **Sargento Getúlio** *, pretende ser uma tentativa de estabelecimento: a) da linguagem dos personagens Getúlio, Amaro e o Padre; b) da relação dos personagens através de suas respectivas linguagens e c) da linguagem como elemento mascarador/desmascarador da ideologia do dominador. Fique claro, de início, que ficam abandonadas as relações do texto de análise com a literatura de cordel nordestina, o que ultrapassaria de muito as possibilidades do nosso estudo, embora reconheçamos que uma abordagem que se queira abrangente não pode desprezar a relação intertextual acima mencionada, visto ser o cordel o «enformador» de procedimentos técnicos, estruturais e estilísticos de **Sargento Getúlio**.

Para Getúlio Santos Bezerra, falar e pensar se confundem na esfera da alienação, já que o seu discurso é voltado para si mesmo, não encontrando no Outro o receptor necessário para que suas indagações encontrem resposta ou eco. Suas ações seriam, desse modo, desligadas das palavras, não sendo aquelas de maneira alguma uma concretização do que é enunciado a priori (desejos apenas realizáveis/realizados no nível da palavra, como nos momentos em que pela passagem ao maravilhoso, Getúlio tenta fugir ao sufocamento e opressão da violenta realidade que o circunda). A palavra funcionaria como elemento inibidor /

* RIBEIRO, João Ubaldo. **Sargento Getúlio**. Rio, Artenova, 1975.

desinibidor na medida em que não temê-la, não assumi-la, desnudaria todo um procedimento e toda uma situação que ele, Getúlio, busca esconder, embora nesse disfarçar ele mais se revele.

Quem se mata não se conversa (. . .) Eu podia dizer, mas tive medo de conversar. Se quer fazer uma coisa, não converse. Se não quer converse. (S.G., p. 39)

Sua fala seria, então, do ponto de vista de si próprio um excesso de significante (um monólogo luxuriante e oco) ao qual corresponderia uma carência de significado (preenchido pelo leitor do texto).

Vosmecê me desculpe eu ficar prosando o tempo todo. É para não dormir. Não sei nem o que eu estou falando, ou o que estou pensando. Quando estou pensando estou falando, estou pensando, não sei direito. Vosmecê não precisa responder, apesar de que é falta de educação. (S.G., p. 31)

No seu desespero de comunicação, de estabelecer entendimento com o Outro e consigo Getúlio se frustra, seu aboio é oco e dirigido a bois de barro, seu chamado para agregar não encontra ressonância e se perde no nada.

Mas ninguém escuta, não tem boiada, o meu aboio é oco. Nunca fui vaqueiro. Mas mesmo assim solto um aboio bem alto e o dedo quase arranca a orelha e olho o chão e fico triste. (S.G., p. 40)

Sua vida se caracteriza como a da cidade de Laranjeira, da sua infância: silêncio, grade, morte. Teríamos o esquema:

aboio oco: laranja morta, moças murchas, («nem falam»), donde laranjeira: cidade (vida gradeada) :: Getúlio : narrativa (linguagem gradeada)

Assim, a narrativa fecha-se em si mesma, sendo Getúlio emissor e receptor de suas mensagens. Mas como o caju seco, as moças murchas e as prostitutas (cf. S.G., p. 34) vislumbreadas por Getúlio entre as grades e os paredões carcomidos de Laranjeira, nos desvãos da narrativa se sugere o espaço da ideologia do poder, por entre as palavras-grades, impostas, do monólogo de Getúlio (monólogo colocado sempre na confusa expectativa do **dizer**, como na denominação dada por Getúlio ao cão «Logo-eu-digo») ao leitor é dado construir o sentido da denúncia de uma sociedade imersa na ignorância, na opressão e na miséria.

A partir do momento em que Getúlio, habituado a obedecer, a não aceitar perguntas, pois as respostas incomodam (cf. S.G., p. 85), ao se distanciar do campo da reflexão e afundar na ação impensada e dirigida, se vê diante de uma outra realidade — dada pela contra-ordem de não levar o prisioneiro — diversa da anterior, que ele define com simplificações tais como udenistas=comunistas, todo um processo de desagregação se acelera. Cabe-lhe agora tentar montar, pela e na palavra, os seus pedaços que foram ficando ao longo de sua trajetória-vida. Ao mesmo tempo aproximação à realidade e distanciamento dela, a ação passa a ser paradoxalmente concretizada na fala, como se pode observar pelo esquema abaixo:

Cangaceiro (ação) : Dragão Manjaléu :: Getúlio : deputado (falar, não fazer)

Getúlio mitifica-se, e ao grito de acordar (cf. S.G., p. 103) disforme e confusamente percebido o **aboio eu**, do início, transforma-se no **aboio eu aboia tu** ambigüo, já que portador de esperança — possibilidade de mudança coletiva — e frustração (o aboio oco lançado ao boi de barro, ao vazio) (cf. S.G., ps. 112 a 115)

Como Getúlio, a fala de Amaro permanece apenas no âmbito do significante. Falar é, para Amaro, repetir o que ouviu, o que foi apreendido somente pelo **som** e/ou **lhe** foi dado receber passivamente. Amaro=soldado (cabeça de papelão, macarrão, mamão, camarão, capão, manjelão, cf. S.G., p. 46). Note-se que as variações e transformações acima se operam tendo em vista apenas

o aspecto musical das palavras, não lhe sendo, assim, aberta a via para o conhecimento do significado da linguagem que ele fala, ou melhor, que o fala.

Amaro gosta de palavras. Fica repetindo uma porção sozinho, feito maluco, acho que só para sentir o gosto. (S.G., p. 46/47)

(...) Perguntei a ele. Até o sol ipiaça, que vem a ser? Não sei, disse ele, aprendi assim (...) Perguntei o que vem a ser lascos de lubila, também não soube, parece mesmo que não gosta que eu pergunte. Acho despropósito cantar uma coisa que não se entende e disse isso a ele, mas ele não quer saber, lascos de lubila, lascos de lubila, nunca ouvi isso. (S.G., p. 47)

Pela citação acima torna-se evidente que o diálogo entre Amaro e Getúlio não é possível, devido à falta de um código comum que os una, ambos permanecendo fechados em seus mundos, em seus silêncios. O discurso Amaro- Getúlio é tautológico, vazio, onde a pergunta é igual à resposta, não bastando as inúmeras interpelações de Getúlio a Amaro, presentes em todo o desenrolar da narrativa — tentativas dolorosas e estéreis de impedir que a incomunicabilidade e a mudez instaladas entre os dois permaneçam.

O Padre de Aço da Cara Vermelha recebe Getúlio, Amaro e o prisioneiro (amordaçado: não falar) com um rifle à mão, abrindo-lhes a porta da igreja em nome de Deus. Assim, ele busca sob a proteção da palavra de Deus (código religioso) camuflar a violência de sua ação, o poder que ele exerce e o poder que se encontra acima dele. Interessante observar como o poder aparece escalonado no texto, conforme o seguinte esquema:

Poder Político
Poder Religioso (Padre)
Amaro e Getúlio
Prisioneiro

Escondendo-se sob a palavra de Deus o padre denota a impossibilidade de assumir sua linguagem, enquanto padre, por um lado, e enquanto vassalo/opressor, por outro. O latim («língua de padre», segundo Getúlio) das rezas que repetem é tão estranho a Getúlio e Amaro quanto ao padre: um código ininteligível, uma linguagem trapaceadora.

Como conclusão, parcial e insatisfatória, poderíamos assinalar a importância das falas dos personagens, pois nelas se encontra latente a ideologia do poder, que faz calar e inscreve os dominados no âmbito do silêncio e da grade.

Wander Melo Miranda é professor de Língua e Literatura Italiana da Faculdade de Letras da UFMG. É aluno do Curso de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da mesma Faculdade.

A VIDA REPRESENTADA EM «MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS»

Ruth Silviano Brandão Lopes

1. A vida revisitada

Esclarecendo, desde o início de suas memórias que é «não um autor defunto, mas um defunto autor», Brás Cubas, por esse processo de distanciamento do vivido vai tentar reinterpretar a vida, através do discurso lógico, buscando superar as ambigüidades da relação entre elementos contraditórios, como o código social e as aspirações individuais, a dicotomia vida e morte, loucura e sanidade. O «olhar do outro lado», única saída para escapar às contingências da temporalidade, torna-se neutro, sem compromisso com os padrões éticos ou a ideologia social.

Vemos em toda a narrativa os esforços de Brás Cubas para se equilibrar entre essas forças antagônicas e suas peripécias que o fazem oscilar como um pêndulo entre dois polos opostos. É esse aspecto da narrativa que nos vai interessar especialmente.

Desde o 1º capítulo, Brás Cubas refere-se à vida como um espetáculo do qual se retira tarde. A vida, neste caso, tem um sentido de representação, de cena teatral, onde a persona precede o eu, tendo as pessoas um papel social delimitado, usando uma série de máscaras para desempenhar suas funções.

Através das memórias, Brás Cubas vai tentar denunciar esse teatro, desmitificando e desnudando as personagens e a si mesmo, como personagem-autor e ator, no palco mesmo de suas representações.

A idéia de representação está também relacionada com a obra desse defunto-autor, que, mesmo buscando estruturar logicamente seu relato, reorganizando as vidas nas suas contradições, afastando-se das emoções da temporalidade, não deixa de ser um sistema de pensamento, idéias, desejos e tensões. As memórias são um discurso de «representação» no sentido «em que o sujeito dispõe de um modo de fingimento, isto é, de relativa suspensão quanto ao uso ordinário da palavra e do discurso, em que dele se serve para se 'representar' a si mesmo, tal como se quer ver tal como chama o 'outro' para constatá-lo».¹

A «re-presentação» relaciona-se com as pulsões que são inconscientes, vindo à consciência apenas a representação que a representa ou o representante da pulsão. Como na vida social, o indivíduo não tem condições de viver livremente seus instintos, a representação supõe uma tensão entre as necessidades pulsionais, relacionadas com o id, e o ideal do ego, relacionado com o código social.²

Vamos tentar analisar as memórias como um discurso de re-presentação, construída a partir de uma tensão. Não vamos fazer a psicanálise do autor ou do personagem-autor, procurando a origem dessa tensão no conflito edipiano relacionado com o interdito do incesto. O que vai nos chamar a atenção são as contradições propostas por Brás Cubas, e que são fontes de tensão. O texto das memórias são um esforço de ordenar o vivido, minimizando as tensões: a vida é revisitada para buscar a solução da tensão existente principalmente na relação do indivíduo com o código social. Brás Cubas vai querer-se mostrar como alguém que já superou as ambigüidades angustiantes dessa relação, zombando tanto dos indivíduos como da sociedade. Esta oposição entre o indivíduo e o código social vem várias vezes formulada nas memórias e a ironia, sempre presente no seu relato, é um recurso pelo qual Brás Cubas nega o seu envolvi-

-
1. Costa Lima, Luiz. «Os Discursos de Re-presentação» IN **Estruturalismo e Teoria da Literatura**. Ed. Vozes Ltda., Petrópolis, 1973, p. 470.
 2. Costa Lima, Luiz. «Projeções do Ideológicos» IN **Cadernos da PUC**, nº 26, R.J., 1975, p. 182/183

mento emocional com as injunções sociais, numa atitude racional de escárnio e distanciamento.

De acordo com Freud, a representação está relacionada também com a memória e o inconsciente:

«La representación sería más bien aquello que del objeto, viene a inscribirse en «los sistemas mnémicos.»³

Podemos ver que as **Memórias** se organizam através de um processo de seleção de lembranças, que obedece a um sistema de associações. Vemos também que nas lembranças está subjacente a tensão e o jogo do desejo. Estes elementos estão presentes desde a infância de Brás Cubas em elementos contraditórios, em solicitações antagônicas. O distanciamento através da morte, da loucura e da ironia são os recursos usados para romper esta dialética.

2. Os oráculos em contraponto

Estando no outro mundo, livre da opinião comum, num grau de liberdade ainda maior que o que seu delírio lhe tinha propiciado, Brás Cubas vai-se narrar, selecionando no seu relato suas lembranças que farão parte desse «sistema mnêmico» a que se refere Freud.

Dentro da seleção de fatos, são de especial importância os dois tios do menino Brás Cubas: o tio João (militar) e o tio Ildefonso (padre). Desde a infância a percepção do mundo de Brás Cubas é fundada em dois elementos de referência contraditórios.

O tio oficial: amor da glória terrena

O tio padre: amor da glória eterna

Para o primeiro prevalecem os bens materiais e a valorização da vida; para o segundo, os bens espirituais e a **valoriza-**

3. Laplanche y Pontalis. **Diccionario de Psicoanálisis**, Barcelona, Labor, 1971.

ção da morte, no sentido em que há uma **depreciação da vida** aqui e agora.

Estas duas percepções contraditórias da existência vão permanecer subjacentes em toda a narrativa. O «menino diabo» é que vai ser o pai do homem Brás criado sob a ambigüidade moral, já presentes no pai permissivo e mãe repressora, esta última reforçada pela tia Emerenciana, «a pessoa que mais autoridade tinha sobre mim» (p. 528). O pai estaria mais próximo do tio militar, a mãe e a tia, do tio padre. Parece-nos, assim, importante destacar esses dois tios que funcionam como oráculo do menino:

«Cada qual prognosticava a meu respeito o que mais lhe quadrava ao sabor» (p. 528).

Privilegiamos a figura dos dois tios, ao invés de nos centrarmos no pai ou na mãe, porque eles têm uma função social muito clara dentro da escala social. Sintetizando exatamente as «duas colunas máximas da opinião», o senso comum, podemos relacionar o tio padre à gente grave e o tio militar à gente frívola a que se refere Brás Cubas no 1º capítulo. Ambos os tios representam o sistema de idéias e de atitudes da comunidade. Mesmo se contrapondo, eles têm o mesmo ponto de referência, que é a superestima da ascensão social presente na classe dominante e a glória é o que persegue Brás Cubas em sua vida, até chegar ao emplastro Brás Cubas, motivo de sua morte. Ele mesmo confessa ter a «paixão do arruído, do cartaz, do foguete de lágrimas» (p. 515).

Destacando as qualidades morais dos tios, vemos que «um deles, o João, era um homem de língua solta, vida galante, conversa picaresca» (p. 527); e «bem diferente era o tio cônego. Esse tinha muita austeridade e pureza; tais dotes, contudo, não realçavam um espírito superior, apenas compensavam um espírito medíocre».

Vemos, unindo o que se disse a respeito desses personagens, que eles sintetizam duas atitudes em relação à vida: valorização e exteriorização dos impulsos vitais e depreciação e

contenção dos impulsos vitais. Os personagens das memórias ora oscilam entre os dois polos: ora vão de um a outro, sem voltar ao primeiro. O certo é que a maioria deles caracteriza-se pela mudança.

No primeiro caso, está o próprio Brás Cubas, às vezes impulsionado para a glória e o sucesso; às vezes, hipocondríaco, impulsionado para o recolhimento, a introversão excessiva. Podemos incluir aí também Quincas Borba, de menino mimado e rico a mendigo e daí a filósofo. No segundo caso está Marcela, que vai da fama e beleza ao esquecimento e feiúra, ou Prudêncio, que faz o trajeto oposto, de escravo a dono de escravos. Esta oscilação está presente também no que podemos chamar de «jogo das compensações».

3. O jogo das compensações

Desde criança afirma Brás Cubas ter-se afeiçoado «à contemplação da injustiça humana». Neste sentido as suas memórias seriam uma reflexão sobre a condição humana: a grandeza e a baixaza dos homens, as aspirações individuais, contrapostas ao código moral, as idealizações contrapostas aos instintos. Há um esforço para se superar estas oposições através de estratégias racionais que revelam a habilidade da consciência para fugir à culpa.

Diante do código social do qual Brás Cubas parece zombar, na medida em que o rompe, há, entretanto, um certo temor nunca confessado, mas denunciado por esta estratégia que Brás Cubas chama de «lei da equivalência das janelas». Diante de uma interdição é preciso buscar um elemento mediador que vai propiciar a transgressão. Esse jogo interessa na medida em que ironicamente ele desmascara os indivíduos diante do código moral, revelando a hipocrisia sobre a qual se fundam as normas sociais.

O episódio da moeda dada ao almocreve inicia uma série de situações em que se nota a função simbólica do dinheiro. Sabemos que a relação do homem com o dinheiro extrapola os limites da troca de bens materiais. O valor afetivo do dinheiro

e sua relação com elementos inconscientes associados ao desejo interdito suplanta o mais das vezes seu valor material. Premian-do o almocreve que lhe resolveu um problema imediato, Brás Cubas pensa em dar-lhe três moedas de ouro e acaba dando-lhe uma moeda de prata: há aí uma progressão regressiva da generosidade. No final do episódio, Brás Cubas confessa ter tido remorso, não por ter resistido a seus impulsos mais generosos, mas por ter-se sentido demasiado pródigo. Vejamos neste caso a função da moeda: ela não vai resolver nenhum conflito, apenas vai ser signo de agradecimento. Um agradecimento tão valorizado pelo agradecido, que o valor material relacionado a ele vai decrescendo à medida que a consciência da própria bondade vai crescendo.

Mais tarde, já no capítulo LI, aparece uma nova moeda: uma moeda de ouro achada à porta de casa. Nestas alturas Brás Cubas está interessado em Virgília, já casada. A facilidade com que ele se desprende da moeda se explica pelo fato de que agora ela se relaciona com um objeto de desejo socialmente proibido. Entra aí um jogo de troca simbólica.

devolver uma moeda achada: valor para o código social:
virtude

mas

desejar Virgília casada: não-valor para o código social:
adultério.

Ora, entregando a moeda achada, ele desloca a opinião pública e a sua própria para sua virtude e se permite transgredir o interdito, pois equilibra a balança do julgamento moral.

Mais tarde, num outro episódio relacionado com esse, Brás Cubas acha um pacote contendo 5 contos e não o devolve. Não há nada em jogo que precise ser equilibrado. Aparecendo a necessidade de arrumar uma governanta para a casa de Gamboa, lugar de seu amor proibido, ele dá o dinheiro a D. Plácida, inicialmente escrupulosa de ser cúmplice de tal situação. «Foi assim que lhe acabou o nojo» (p. 583). Repete-se aí o mesmo jogo de troca simbólica, em que o dinheiro inverte a posição da consciência diante do código moral.

Através desse processo de desvendamento do simbólico, denuncia-se não apenas o jogo malicioso de Brás Cubas para transgredir o código moral sem arcar com o sentimento de culpa, como uma estrutura social fundada numa tensão, diante de regras morais rígidas e os interesses pessoais contrários a esses padrões. Mantém-se a aparência da moralidade e permite-se que se transgrida o interdito, através de um jogo apenas aparentemente honesto.

4. A razão da loucura

Desde o início da narrativa, com o capítulo do delírio de Brás Cubas moribundo, há a introdução da loucura opondo-se ao bom-senso e o senso-comum. A loucura, como a morte, é um outro modo de estar distanciado, liberto das injunções constrangedoras presas à opinião pública.

Zombando desse senso comum, Brás Cubas desde o seu delírio vai introduzir o elemento paradoxal, rindo-se das loucuras da lógica institucionalizada pelo código social, sempre limitado e incapaz de dar conta do problema existencial do homem. Delirando, contudo, ele se mostra com uma acuidade crítica tão aguçada que é capaz de ter uma visão global da condição humana.

«A razão a partir de Freud (nos ensina Jacques Lacan) não se opõe à loucura: ambas obedecem a uma lógica. Através dessa lógica chegamos ao avesso do discurso. A desrazão passa a ser a negação, o desconhecimento, o desvio, a censura e a rejeição da Razão tal como ela pôde ser identificada por Lacan a partir de Freud». ⁴

Não vamos analisar a filosofia do Humanitismo que sabemos ser uma sátira a duas filosofias correntes no séc. XVIII. Queremos apenas ressaltar a função do louco-lúcido. Quincas

4. Garcia, Célio. *Psicanálise e Literatura*, texto mimeografado usado em seminário, FALE, 1975.

A edição usada de «Memória Póstumas de Brás Cubas», é a de Aguilar, R. J., 1971, v. 1.

Borba, que desfaz a dialética do Mesmo e do Outro, com sua formulação: «Sendo o homem uma redução de Humanitas, é claro que nenhum homem é fundamentalmente oposto a outro homem, quaisquer que sejam as aparências contrárias» (p. 615). O próprio Quincas Borba é ao mesmo tempo louco e lúcido, mendigo e filósofo, e seu personagem escarnece do senso-comum e distancia-se da opinião pública. Ele é o elemento que se opõe ao bom-senso e, ao mesmo tempo o denuncia, na medida em que questiona os valores e a lógica do homem comum.

5. Conclusão

Neste breve estudo das **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, o que nos interessou destacar foi a tensão existente em vários elementos da narrativa e a função do discurso lógico, racionalizador, construído ironicamente para resolver esta tensão, o que se consegue até certo ponto: apesar da negação de Brás Cubas, a opinião comum, o código moral não é tão menosprezado quanto parece, pois os personagens estão sempre oscilando entre extremos, mas têm sempre como referência os padrões sociais que permanecem intactos: há crítica ao homem destituído de grandeza e de capacidade de auto-superação, movido sempre por seus desejos pessoais. A origem desse menosprezo, entretanto, está num excesso de idealização que, em confronto com a realidade, converte-se em desilusão e amargura, fontes de uma ironia constante em toda a narrativa.

Ruth Silviano Brandão Lopes é Mestre de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras da UFMG.

RESENHA



CONCURSO DE CONTOS E DE POEMAS

O 13º Concurso de Contos e de Poemas da **Revista Literária** do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais recebeu um total de 349 trabalhos, sendo 18 conjuntos de contos — no total de 54 contos — e 59 conjuntos de poemas — no total de 295 poemas.

Os trabalhos foram enviados por 77 alunos da Universidade Federal de Minas Gerais, sendo 24 da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (15 de Comunicação Social; 4 de Filosofia; 2 de História e de Ciências Sociais e 1 de Psicologia); 10 da Escola de Engenharia (4 de Engenharia Civil; 3 de Engenharia Mecânica e 1 de Engenharia Metalúrgica, de Engenharia Elétrica e de Engenharia Química); 8 da Faculdade de Letras; 7 do Instituto de Ciências Exatas (2 de Física, de Ciências da Computação e de Química e 1 de Matemática); 7 da Faculdade de Educação (4 do Mestrado, 2 de Pedagogia e 1 do Centro Pedagógico); 5 da Faculdade de Medicina e da Faculdade de Direito; 2 do Instituto de Ciências Biológicas (Farmácia e Ciências Biológicas); 2 da Escola de Belas Artes e da Faculdade de Odontologia; 1 da Escola de Arquitetura e 1 da Escola de Veterinária.

Em treze concursos, a estatística da RL está assim:

ESTATISTICA RL				
ANOS	ESTUDANTES	TRABALHOS RECEBIDOS		
		CONTOS	POEMAS	TOTAL
1966	61	18	146	164
1967	102	57	198	255
1968	46	38	131	169
1969	121	76	265	341
1970	105	131	221	352
1971	161	68	257	325
1972	123	118	231	349
1973	199	144	238	382
1974	269	172	478	650
1975	92	96	230	326
1976	76	57	275	332
1977	140	108	515	623
1978	77	54	295	349
TOTAL	1.572	1.137	3.480	4.617

Os trabalhos recebidos e não classificados já foram devolvidos aos seus autores.

A relação dos 354 trabalhos recebidos, com os respectivos pseudônimos, é a seguinte:

CONTOS

Nº	TÍTULO	PSEUDÓNIMO
01	— Pé-de-Janta Bamburro Caso Especial	Príncipe Príncipe Príncipe
02	— O Engenheiro Estrela Cadente Um Dia, Voltando da Escola	Marina Marina Marina
03	— O Candidato Merece Todo... O Excelentíssimo Senhor... Se Eu Fosse Presidente	Guiné Guiné Guiné
04	— Susej Nova Vida Código	Chikão Chikão Chikão
05	— Feito de um Guerreiro... Segredos Revelados de... Os Revisores de Catálogo	Joachim Joachim Joachim
06	— Natal Diálogo Desencontro	Maira Maíra Maíra
07	— Rua da Palha Boca Escura Docemente	Livuzia Livuzia Livuzia
08	— Inácio, Um Santo... Pela Primeira Vez... Pressentimento	Constança Constança Constança
09	— Sinos de Belém O Capital A Concha	Camaleão Camaleão Camaleão
10	— O Fim Enquanto a TV Não Vem A Piscina	Haris Haris Haris
11	— Dia de Nascimento Ato de Vingar Vendedor de Laranjas	Canto Canto Canto
12	— Que Deus Nos Perdoe Do Lado de Cá da Ponte Gregório e os Vagalumes	Gregorius Gregorius Gregorius
13	— Ela Amanhã Vai Ser Diferente Eu Vendo o Acreditar	Candide Candide Candide
14	— O Caminho da Loucura Reconciliação Assalto	João da Terra João da Terra João da Terra

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
15	— Asfalto Molhado Último Ato Comemoração	Alan Alan Alan
16	— Entre Dois Amores Coisa da Vida Tem Carne Queimando	Wilduber Wilduber Wilduber
17	— Esta Vida Ambulante Eu e Manoel A Boçal	Chica Chica Chica
18	— Sem Nome I Sem Nome II Sem Nome III	Cuméquichama Cuméquichama Cuméquichama

POEMAS

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
01	— Anoitecer Sem Nome No Corcovado Para Que Amanheça Acidente de Trânsito	Tomaz de Pina Tomaz de Pina Tomaz de Pina Tomaz de Pina Tomaz de Pina
02	— Clarões Viver Estrela Brisa Música	Maria Clara Maria Clara Maria Clara Maria Clara Maria Clara
03	— Tempo-Esperança Verso Chorado Filho da Verdade Papo de Boteco Desentoadado	Peops Peops Peops Peops Peops
04	— Miragem Hino ao Vento Balada Ritmo de Amor Infantil Ritual	Augusto Matraga Augusto Matraga Augusto Matraga Augusto Matraga Augusto Matraga
05	— Interrogatório Sonhos Mortos na Boca... Porto do Tempo Útero Não da Gestaçào	Mambembe Mambembe Mambembe Mambembe Mambembe

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
06	— Falando de Estrelas...	Maria Medo
	Com o Coração em Ritmo...	Maria Medo
	Entre Sombras...	Maria Medo
	Até Que se Abra...	Maria Medo
	Antes Que a Brisa Passe...	Maria Medo
07	— Além de Nós e dos Laços	Touro
	Atitude	Touro
	Camuflagem	Touro
	Tempo de Cio	Touro
	O Fio	Touro
08	— Orvalho	Maria das Tranças
	Migalha	Maria das Tranças
	Melodias	Maria das Tranças
	Espelho	Maria das Tranças
	Transparência da Brisa	Maria das Tranças
09	— Primaveras	João do Barco
	Memória	João do Barco
	Purificação	João do Barco
	Transfiguração	João do Barco
	Centelha	João do Barco
10	— Impotência	Gap
	Revisando	Gap
	Contradição	Gap
	Uma Verdade	Gap
	Não	Gap
11	— Meu Tempo Quebrando Na...	Tatá
	João Sebastião Bar	Tatá
	Pinga e Poente	Tatá
	Ato Público	Tatá
	Nós	Tatá
12	— Desejo Antigo	Cordão de Prata
	Faces	Cordão de Prata
	Poema de Lata-de-Lixo	Cordão de Prata
	Versos que Nunca Foram...	Cordão de Prata
	Visão de Suicídio	Cordão de Prata
13	— A Velha	Bub
	O Sapo	Bub
	Paralelismo	Bub
	P Toujours P	Bub
	Balada Black & White	Bub

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
14	— Via Sacra de Pensão	Teomaris
	Balada de Maio	Teomaris
	Do Adro da São José...	Teomaris
	Putá	Teomaris
	Vida	Teomaris
15	— Medieval	Raquel
	Trabalhador	Raquel
	Uma Ponte...	Raquel
	Sem Nome I	Raquel
	Sem Nome II	Raquel
16	— Sem Nome I	A. Bissexto
	Sem Nome II	A. Bissexto
	Vozes d'África	A. Bissexto
	Utiarit	A. Bissexto
	Em Cima	A. Bissexto
17	— T. N. T.	Solau
	Ampulheta	Solau
	Das Sereias e Seus...	Solau
	Superquadra Sul	Solau
	A Sucessão Impossível	Solau
18	— Coisas	Chico Alves
	Anexo	Chico Alves
	Vinte	Chico Alves
	Soneto I	Chico Alves
	Sonexo II	Chico Alves
19	— Sem Nome I	Nonô
	Sem Nome II	Nonô
	Sem Nome III	Nonô
	A Renata-Filha	Nonô
	A Regina	Nonô
20	— Sem Nome I	Cleio
	Sem Nome II	Cleio
	Sem Nome III	Cleio
	Sem Nome IV	Cleio
	Sem Nome V	Cleio
21	— Sem Saída	Preto no Branco
	Berço	Preto no Branco
	Convite	Preto no Branco
	Agreste	Preto no Branco
	Raça	Preto no Branco

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
22 —	Vagando	Autarca
	Dinâmica	Autarca
	Simplemente	Autarca
	Encontro	Autarca
	Hoje em dia	Autarca
23 —	Soneto	Geraldo Pedreira
	Reencontro	Geraldo Pedreira
	Fenômenos Naturais	Geraldo Pedreira
	Cinco Correntes	Geraldo Pedreira
	Quarto-Crescente	Geraldo Pedreira
24 —	Da Pobreza das Rimas	Daniel de Itapemirim
	Questão Permanente	Daniel de Itapemirim
	Verbo Sorrir	Daniel de Itapemirim
	Expresso Esperança	Daniel de Itapemirim
	Ilustrações	Daniel de Itapemirim
25 —	Desconsolo	Cícero
	Só Entre Sós	Cícero
	Fim de Noite	Cícero
	Santíssima Trindade	Cícero
	Supressão	Cícero
26 —	Mundo de Loucos	Ferinha
	45 Minutos	Ferinha
	Um Dia	Ferinha
	Você	Ferinha
	Um Lugar	Ferinha
27 —	Poesia	Manoel Gonçalves
	Processo	Manoel Gonçalves
	Caboclo D'água	Manoel Gonçalves
	A Casa	Manoel Gonçalves
	Sapato	Manoel Gonçalves
28 —	Beijo	Quasímodo
	Mais Uma Vez para Lorca	Quasímodo
	Hipótese	Quasímodo
	Conjecturas	Quasímodo
	Tentativas em Face do Amor	Quasímodo
29 —	Desencontro	Pilar
	Evangéhos Segundo...	Pilar
	Tempo Presente	Pilar
	Cotidiano	Pilar
	Colheita	Pilar

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
30	— Rosa	Lux Argentum
	Tarde	Lux Argentum
	Sentido	Lux Argentum
	Doutrina	Lux Argentum
	Desenredo	Lux Argentum
31	— Poesia	Atanauê
	Pra Você	Atanauê
	Elos	Atanauê
	Engraçado	Atanauê
	Desencontro	Atanauê
32	— Antes que Aconteça	P. Madalena
	Um Salto, Apenas	P. Madalena
	Réquiem	P. Madalena
	Bela (A Maria do Céu)	P. Madalena
	De Volta à Origem	P. Madalena
33	— Dança de Cogumelos	Caxilé
	Transmutação	Caxilé
	Perspectivas	Caxilé
	Alienação	Caxilé
	Poema Contraste	Caxilé
34	— Operários da Palavra	Xy
	Ó Putas do Meu Brasil	Xy
	Álbum de Família	Xy
	São João Batista da...	Xy
	O que Sinto Mais Falta...	Xy
35	— Maqueta do Poema	Penna
	Laço em Fita	Penna
	Ver-te Não te Quero...	Penna
	Canção Com Areia na...	Penna
	Paralelo	Penna
36	— Apelo	Vila Izabel
	Esquecer, Lembrar e...	Vila Izabel
	Quando a Gente é Livre	Vila Izabel
	Coisa Bonita	Vila Izabel
	Meu Pai	Vila Izabel
37	— Sem Nome I	Coió
	Sem Nome II	Coió
	Homem Fértil, Terra...	Coió
	Sem Nome III	Coió
	Missa Para um Ateu de...	Coió

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
38 —	A Inocência do Gato Jornal Num Ato de Amor A Adolescência Num Ato de Rubor	Beta Beta Beta Beta Beta
39 —	Você Ternura Conquistas Simplesmente Hoje	Sunshine Sunshine Sunshine Sunshine Sunshine
40 —	A Lenda de Maria... Declaração de Fé O Troco da Expição O Último Lamento América, Vasta Ferida	Orígenes Bessa Orígenes Bessa Orígenes Bessa Orígenes Bessa Orígenes Bessa
41 —	Crises Ciclo de Fofa Boiabagagem Germen en el Silencio Recortagem	Nicodemus Nicodemus Nicodemus Nicodemus Nicodemus
42 —	Ao Sabor da Maré Sonhos de Posse Só Verde Aranha De Paixão	Terceiro Terceiro Terceiro Terceiro Terceiro
43 —	De Volta pra Casa Carnaval Numa Cidade do Norte... Domingo à Tarde João, Maria	Bred Bred Bred Bred Bred
44 —	Conseqüências do Branco Taciturnidade Escoras da Terra Deusas Negras Vontade de me Mudar	Carol Carol Carol Carol Carol
45 —	Humor Negro (In)consciência Dia da Criança Não Comunicação Saudade	Carolina Carolina Carolina Carolina Carolina

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
46	— Hei Você	Gutinho
	A Alguém Distante	Gutinho
	Mutações	Gutinho
	Cante...	Gutinho
	Quem Sou?	Gutinho
47	— Apenas Você	Zezé
	Chofer de Caminhão	Zezé
	Vício	Zezé
	Planos e Esperanças	Zezé
	Entre os Ares e os Bares	Zezé
48	— Último Bilhete	Fabiano
	Despedida Repentina	Fabiano
	Retrato	Fabiano
	Pequeno Pássaro	Fabiano
	Homem e Espaço	Fabiano
49	— Infância	Amanhã
	Belo Horizonte	Amanhã
	Realmente pra Recompensar	Amanhã
	Mãos Postas	Amanhã
	Semeando o Homem	Amanhã
50	— Quarto de Despejo...	Kiel
	Leis e Orgulhos	Kiel
	Land	Kiel
	Dia Útil	Kiel
	Manoel Benitez	Kiel
51	— Tele-Visão	Era uma vez
	Convite ao Aventureiro	Era uma vez
	Fantástico	Era uma vez
	Cantos	Era uma vez
	Poema Fora de Moda	Era uma vez
52	— Ladafinha	Pseudo-ânimo
	Difração da Consciência	Pseudo-ânimo
	Só	Pseudo-ânimo
	Os Sete degraus da Consciência	Pseudo-ânimo
	Grito	Pseudo-ânimo
53	— O Amor e o Cálculo...	Aluno da Vida
	O amor e as Leis de...	Aluno da Vida
	O amor e a Química	Aluno da Vida
	O amor e a Álgebra	Aluno da Vida
	O amor e a Geometria...	Aluno da Vida

Nº	TÍTULO	PSEUDÓNIMO
54	— Poema da Água nº 2	Thaís
	Poema da Água nº 6	Thaís
	Poema da Amizade	Thaís
	Não Enviou	Thaís
	Não Enviou	Thaís
55	— Estática	Stavinski
	De Coisas e Gentes	Stavinski
	Mágica	Stavinski
	Mutante Social	Stavinski
56	— Basta	Stavinski
	Dias de Hoje	C. Bandeira
	Aspirações e Ações	C. Bandeira
	Comédia Atual	C. Bandeira
	Animais e Outros Bichos	C. Bandeira
57	— A Há Há	C. Bandeira
	Caca	Caca
	Vendo as Montanhas de...	Caca
	Certeza de Mim	Caca
	Coração Operário	Caca
58	— Sem Nome I	Caca
	A Trama	J.P.A. Filho
	Constermínio	J.P.A. Filho
	Inacabado de Rozalina	J.P.A. Filho
	Carnaval Azul	J.P.A. Filho
59	— O Sonho	J.P.A. Filho
	Retirante	Gaivota Livre
	Guerra	Gaivota Livre
	A Grande Invenção	Gaivota Livre
	Vida	Gaivota Livre
Canção do Mar	Gaivota Livre	

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

- «**Encontros com a Civilização Brasileira**» — números 1, 2 e 3 — julho, agosto e setembro de 1978 — Editora Civilização Brasileira — Rio de Janeiro — RJ.
- «**Letras**», da Universidade Nacional Mayor de San Marcos — números 82 e 81 — Lima — Peru.
- «**Eu Choro de Palhaço**», de Alciene Ribeiro Leite — Editora Comunicação — Belo Horizonte — MG.
- «**Granito Poético**», de Leda Sylvia Szochalewicz — São Paulo — SP.
- «**Sumario Actual de Revistas**», do Instituto de Cultura Hispânica — números 20 e 21 — Madrid — Espanha.
- «**Colóquio — Letras**», da Fundação Calouste Gulbenkian — número 41 — Lisboa — Portugal.
- «**The Centennial Review**», do College of Arts and Letters — Michigan State University — números 2 e 4 — 1977 — Michigan — EUA.
- «**O Sono Provisório**», de Antônio Barreto — Livraria Francisco Alves — Belo Horizonte — MG.
- «**Franciscanum**» — Revista de Las Ciencias del Espiritu — Universidade de San Buenaventura — número 56 — Bogotá — Colômbia.
- «**Inter-Ação**» — Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás — número 2 e 3 — Goiânia — Goiás.
- «**Cuadernos Hispanoamericanos**» — Revista de Cultura Hispânica — números 326, 327, 328 — Madrid — Espanha.
- «**Como era Pio Baroja?**», de Miguel Perez Ferrero — Fundacion Universitaria Española — Madrid — Espanha.
- «**El Sentimiento Filosofico de Unamuno**», de Moises Edery — Fundacion Universitaria Española — Madrid — Espanha.

- «**Symposium**», Revista da Universidade Católica de Pernambuco — volume 19, número 1 — 1977 — Recife — Pernambuco.
- «**Campomaneso, Un Helenista En El Poder**», de Luis Gil Fernández — Fundacion Universitaria Española — Madrid — España.
- «**Bibliografía de Andres Bello**», de Agustín Millares Carlo — Fundacion Universitaria Española — Madrid — España.
- «**El Passo Honroso de Suero de Quiñones**», de Pero Rodriguez de Lena — Fundacion Universitaria Española — Madrid — España.
- «**Sinopsis de Don Quijote**», de Luis Morales Oliver — Fundacion Universitaria Española — Madrid — España.
- «**Cuadernos de Investigación Histórica**» — número 1 — 1977 — Fundacion Universitaria Española — Madrid — España.
- «**Revista Hoja**» — Editorial Universitaria Centroamericana — números 13, 14 e 15 — 1977 — Costa Rica — C.A.

ALGUMAS CRÍTICAS À REVISTA LITERÁRIA DO CORPO DISCENTE DA UFMG

CARTAS

«... esta admirável Revista, o que constitui para mim um privilégio...
Revista contendo literatura autêntica, moderna...»

Yêda Maria Moreira Pinto — Belo Horizonte — MG.

«... louvando a iniciativa, solicitamos o envio regular... para integrar
a biblioteca do Departamento de Assuntos Culturais do MEC...»

Manuel Diégues Júnior — Brasília — DF

«... quero parabenizá-los pela excelente Revista...»

Marcelo Peret Mauro — Belo Horizonte — MG.»

«... como professor de Teoria da Literatura da Universidade Federal de
Santa Catarina, gostaria de receber a Revista Literária...»

**Glauco Rodrigues Correa — São José — Santa Ca-
tarina.**

«...muito grande o meu interesse pelo trabalho de vocês...»

Tanussi Cardoso — Rio de Janeiro — RJ.

«... sigo categoricamente os Festivais de Inverno... como também
aprecio os contos e ensaios da Revista Literária...»

**Maria José Damasceno Dias — São Pedro dos Fer-
ros — MG.**

«...sou brasileiro residindo no momento no Japão... sobre concursos
literários e sobre a excelente Revista Literária...»

Luis Canales — Kioto — Japão.

«... contemplada com a excelente Revista, fruto do incansável trabalho
de toda a equipe...»

Sônia Takeno — São Paulo — SP.

«... não hesito em elogiar o propósito de divulgação da literatura... as minhas homenagens à iniciativa da UFMG...»

Armando de Carvalho Barros — Rio de Janeiro — RJ.

«... pelo alto nível... em nome da direção, dos professores e alunos de nossa Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas...»

Sylla Ribas — Pelotas — RS.

«... gostei muito da Revista... esta publicação viesse a integrar a biblioteca do DAC/MEC...»

Maria Helena de Oliveira Torres Martinho — Rio de Janeiro — RJ.

«... só nos resta fazer elogios e lhes dar os nossos parabéns... certeza de ótima leitura...»

Reni Roberto de Vasconcellos — Santo Antônio do Monte — MG.

«... está bastante apreciável o número 12 da RL...»

Marília Mourão Pedroso — Belo Horizonte — MG.

«... parece-me que vossa revista piorou bastante em qualidade de textos...»

René Zeferino — Belo Horizonte — MG.

«... com bastante satisfação esta excelente Revista...»

Mário Toshio Kon — Belo Horizonte — MG.

«... com satisfação e prazer a Revista Literária...»

Rafael Alves Machado — Belo Horizonte — MG.

«... sempre de nível elevado, enriquecendo as bibliotecas e o intelecto...»

Prof. Eticar Kuhn — Franca — SP.

«... único vínculo que nos mantém a par do que está sendo feito em termos de criação literária e artística em Minas...»

Carol Lynn Bastiani — Belém — Pará

«... Sempre benvinda Revista Literária... votos de crescente sucesso... desde o exemplar oito tem contribuído para o aperfeiçoamento literário... uma alegria renovada anualmente, alegria pelo prazer encontrado na sua leitura e pela constatação da continuidade de um trabalho que penetra as barreiras mais diversas... Revista Literária, um pouco de calor na frieza desta selva editorial brasileira...»

Alciene Ribeiro Leite — Ituiutaba — MG.

«... Revista Literária número 12, que está ótima. A cada número a qualidade em geral aumenta. Parabéns...»

Ivan Lage — Belo Horizonte — MG.

«... recebimento contínuo dessa magnífica Revista...»

Aparecida Bastos Ventura — São Paulo — SP.

«... a cada volume que recebo, noto com prazer e deslumbramento que mais e mais estudantes se preocupam em deixar à nossa literatura marcas de sua passagem... deve ser sempre incentivada, pois cada conto, poesia ou narrativa retrata um pouco a época que estamos vivendo... Continuem com essa grande obra mineira...»

Gislyne C. Campestrin — São Paulo — SP.

JORNALIS

«... pelo 11º ano consecutivo, a UFMG publica a RL... um bom ensaio sobre o trágico no romance argentino Boquinhos Pintadas...»

Jornal do Brasil — 10-12-77 — Rio de Janeiro — RJ.

«... a Revista Literária registrava a impressionante cifra de 2.495 contos mineiros recebidos ao longo de dez concursos literários promovidos, contra 918 poesia...»

Estado de Minas — 10-12-77 — Belo Horizonte — MG.

«... motivo de prazer ter em mãos publicações resultantes de esforços e ideais, para dar oportunidade aos jovens valores que lutam pela conquista de um lugar ao sol da literatura...»

Botija Parda — 04-12-77 — Araguari — MG.

«...penso que seria necessário um livro de muitas páginas para tratar, com justeza e propriedade, do significado da existência da RL, dos seus certames sérios e da enorme abertura que propicia aos jovens estudantes, mesmo aos professores e, sem dúvida, a qualquer leitor que tenha a felicidade de conhecê-la...»

**Oswaldo Lopes de Brito — Diário da Manhã — 29-08-78
Ribeirão Preto — SP.**

«... chegou ao número 12, revelando, incentivando e firmando gente na arte escrita e visual...»

Folha do Pontal — 23-09-78 — Ituiutaba — MG.

«... mais que simples repositório de diletantismo universitário, a Revista Literária, mantida com elogiável regularidade, justifica sua existên-

cia como o primeiro ou como um dos canais de divulgação de nomes que logo estarão se firmando no cenário literário e que a ela acorrem durante sua passagem pela UFMG...»

Paulo Araújo — Jornal de Minas — 09-09-78 — Belo Horizonte — MG.

«... embora todos os trabalhos sejam de ótimo nível, destacam-se «Incidente», de Ozias Ribeiro Neves... obra sem título de Nuno Tomaz Pires de Carvalho... «Banda Veneno», de Duílio Gomes... de resto, toda a Revista Literária cria a expectativa em relação aos próximos números. O leitor merece mais «Incidentes» e «Bandas Veneno» ...

M.C.R. — Última Hora — 10-09-78 — São Paulo — SP.

«... excelente Revista Literária... uma das poucas que ainda mantém assiduidade...

Tribuna da Imprensa — Suplemento Literário — 09-09-78 — Rio de Janeiro — RJ.

